CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE TARDIA • EDIÇÃO ILUSTRADA

A Vida de São Martinho

De vita beati Martini

Sulpício Severo



Edição integral em português brasileiro contemporâneo, com contexto histórico do Narrador e 14 ilustrações

Sumário

Introdução Nota de Abertura do Narrador: O Homem por trás da Lenda 5

Carta Dedicatória Carta do Autor ao seu amigo Desidério sobre a Vida de São Martinho 7

Capítulo I Por que uma vida santa vale mais do que a fama de Heitor ou de Sócrates 9

Capítulo II Da Panônia à Itália: O menino que fugia para a igreja e foi levado acorrentado para o exército 11

Capítulo III A capa cortada ao meio às portas de Amiens e a visão de Cristo 15

Capítulo IV O frente a frente com Juliano em Worms: “Sou soldado de Cristo, não posso combater” 18

Capítulo V Santo Hilário de Poitiers, o cargo de exorcista e a emboscada dos assaltantes nos Alpes 21

Capítulo VI O encontro com o Diabo na estrada, os açoites em público e o veneno na Ilha Galinária 23

Capítulo VII O mosteiro de Ligugé e o primeiro milagre: O catecúmeno que voltou à vida 25

Capítulo VIII O jovem escravo de Lupicino salvo da morte 28

Capítulo IX O “sequestro” para ser bispo de Tours e a humilhação do bispo Defensor 29

Capítulo X O bispo que morava numa cabana de madeira: A fundação de Marmoutier 31

Capítulo XI O falso mártir desmascarado: O espírito do criminoso junto ao altar 34

Capítulo XII O funeral pagão imobilizado no meio do campo 36

Capítulo XIII O desafio do pinheiro sagrado: Amarrado debaixo da árvore que caía 37

Capítulo XIV O fogo que recuou contra o vento e os dois anjos armados em Levroux 40

Capítulo XV O pescoço descoberto diante da espada na terra dos éduos 42

Capítulo XVI A jovem paralítica curada em Tréveris com azeite abençoado 43

Capítulo XVII O antigo procônsul Tetrádio e os dedos de Martinho na boca de um possesso 45

Capítulo XVIII O boato falso da invasão bárbara, o beijo no leproso em Paris e os fios da túnica 47

Capítulo XIX A carta que curou a filha de Arbório, os olhos de Paulino de Nola e a queda da escada 49

Capítulo XX O banquete do imperador Magno Máximo: A taça passada ao padre antes do imperador 51

Capítulo XXI Conversas com os anjos e o Diabo com o chifre de boi cheio de sangue 54

Capítulo XXII Os disfarces de Júpiter, Mercúrio e Vênus — e a promessa de perdão ao próprio Diabo 56

Capítulo XXIII A história de Claro, o falso profeta Anatólio e a túnica que se desfez no ar 58

Capítulo XXIV Os falsos Cristos na Hispânia e o Diabo vestido de Imperador: “Não reconhecerei Cristo sem as marcas da Cruz” 61

Capítulo XXV A visita do Autor a São Martinho: O bispo que lavou os pés do seu biógrafo 63

Capítulo XXVI O retrato interior: A bigorna do ferreiro e a paciência com os seus próprios padres 67

Capítulo XXVII Conclusão: Um rosto luminoso e a resposta aos bispos invejosos 69

Epílogo do Narrador O que aconteceu depois: A morte de São Martinho e a origem do 11 de Novembro 70

Sobre esta edição 73

INTRODUÇÃO

Nota de Abertura do Narrador: O Homem por trás da Lenda

Em grande parte da Europa, basta chegar o dia 11 de novembro para o nome de São Martinho voltar às conversas, trazendo consigo o cheiro das castanhas assadas, o vinho novo, os cortejos de lanternas e aqueles dias de sol ameno fora de época que tantos povos chamam de "verão de São Martinho". Quase todo mundo conhece a imagem do jovem soldado romano a cavalo que, num dia gelado de inverno, cortou a capa ao meio com a espada para agasalhar um mendigo que tremia de frio.

O que pouca gente sabe é que São Martinho de Tours (c. 316/336 – 397 d.C.) não é uma figura vaga saída das lendas medievais. Pelo contrário: é uma das personalidades mais bem documentadas do final do Império Romano. Sua biografia — *A Vida de São Martinho* (*De vita beati Martini*) — foi escrita quando ele ainda estava vivo, por um homem que o conheceu pessoalmente, comeu à sua mesa e conversou longamente com ele: **Sulpício Severo**.

Sulpício Severo (c. 363 – c. 425) era um advogado brilhante, orador respeitado e aristocrata da Aquitânia, no sudoeste da atual França. Quando decidiu escrever este livro, por volta de 396, o Império Romano do Ocidente atravessava uma mudança profunda. O cristianismo tinha deixado de ser uma religião perseguida para se tornar a fé oficial dos imperadores; nas cidades multiplicavam-se bispos influentes, vestidos de seda e habituados aos jantares da corte, enquanto nas aldeias do interior (*pagi*) as populações rurais continuavam venerando árvores sagradas e os velhos deuses celto-romanos.



Mapa Histórico: O Mundo de São Martinho no Século IV — da terra natal em Sabária (Panônia) e da juventude militar em Ticino, Amiens e Worms, até os mosteiros de Ligugé e Marmoutier e a diocese de Tours.

No meio desse mundo em transformação, Martinho era um verdadeiro escândalo para as elites: um antigo oficial da guarda imperial que se recusou a combater, cara a cara, diante do futuro imperador Juliano; que foi levado pelo povo, por meio de um ardil, para ser bispo de Tours, mas nunca aceitou morar num palácio episcopal, preferindo uma cabana de madeira e uma túnica áspera de pelo de camelo. Era um homem que beijava leprosos às portas de Paris, enfrentava imperadores em Tréveris, desmascarava charlatães e chegava ao ponto de chocar os teólogos mais rígidos ao dizer que até o próprio Diabo seria perdoado por Deus se fosse capaz de se arrepender.

Nesta edição, o texto integral de Sulpício Severo aparece reescrito em **português brasileiro contemporâneo, claro e natural**, mantendo fielmente todos os episódios e detalhes do original latino. No final de cada capítulo, acompanho você como narrador para explicar os costumes militares romanos, a geografia da época, os bastidores

políticos e a cultura do século IV — detalhes que eram óbvios para os leitores do tempo de Sulpício, mas que hoje nos ajudam muito a entender a força extraordinária desta história.

CARTA DEDICATÓRIA

Carta do Autor ao seu amigo Desidério sobre a Vida de São Martinho

Severo saúda com grande estima o seu querido irmão Desidério.

Meu irmão e grande amigo: eu tinha decidido guardar na gaveta, fechado entre as quatro paredes de casa, este pequeno livro que escrevi sobre a vida de São Martinho. Como sou inseguro por natureza, queria me poupar da crítica das pessoas. Tinha receio — e continuo achando que é o que vai acontecer — de que a minha escrita pouco trabalhada desagradasse aos leitores e de que todo mundo me censurasse por ter tido o atrevimento de me meter com um tema que merecia escritores com outro talento. Mas você insistiu tanto comigo que não fui capaz de lhe dizer não. Afinal, o que é que eu não faria pela nossa amizade, mesmo pondo em risco a minha reputação?

Entreguei a você, portanto, este pequeno livro, confiando na sua promessa de que não vai mostrá-lo a mais ninguém. Mesmo assim, confesso o meu receio de que seja você a abrir para ele a porta do mundo — e, depois que ele sair por aí, já não há como fazê-lo voltar atrás.

Se isso acontecer e você vir que algumas pessoas começam a lê-lo, peça a elas, por favor, que deem mais importância aos acontecimentos do que ao estilo, e que tenham paciência se alguma frase menos elegante lhes soar mal ao ouvido; afinal, o Reino de Deus não se apoia na arte de falar

bem, mas na fé. Que se lembrem também de que a salvação do mundo não foi anunciada por grandes oradores, mas por pescadores — embora Deus, se achasse que isso servia para alguma coisa, também pudesse perfeitamente tê-lo feito por meio de oradores.

A verdade é que, quando decidi pôr mãos à obra por achar que seria imperdoável deixar cair no esquecimento as qualidades de um homem tão extraordinário, prometi a mim mesmo não ficar envergonhado se deixasse escapar algum erro de gramática. Nunca fui grande especialista na arte das letras e, mesmo o pouco que estudei em outros tempos, já esqueci por falta de prática depois de tantos anos.

Mesmo assim, para me poupar do incômodo de ter de me justificar, se você quiser publicar o livro, apague o meu nome. Basta raspar a assinatura na primeira folha para que a página fique muda — ou melhor, para aquilo que realmente importa: que o livro fale apenas da história que conta e cale o nome de quem o escreveu.

> **Contexto do Narrador: A falsa modéstia de um grande advogado e os livros "raspados"**
>
> Não nos deixemos enganar pela modéstia literária de Sulpício Severo! Quando pede desculpas pela "escrita pouco trabalhada" e por possíveis "erros de gramática" (*soloecismi*), ele está recorrendo a uma técnica clássica da oratória romana chamada *captatio benevolentiae* — a arte de conquistar a simpatia do leitor fingindo humildade. Na realidade, Sulpício era um dos juristas e autores mais cultos da Gália romana, a ponto de os humanistas do Renascimento o chamarem de "Salústio cristão" pela qualidade do seu latim.
>
> Havia, no entanto, um debate muito real por trás dessas palavras: no final do século IV, a elite romana formada nas escolas clássicas olhava torto para os textos da Bíblia por estarem escritos num latim simples e direto, muito distante da prosa sofisticada de Cícero. Ao lembrar que o Evangelho foi anunciado "não por grandes oradores, mas por pescadores", Sulpício defende que a verdade histórica e espiritual conta muito mais do que o brilho literário.

Repare também no detalhe prático no fecho da carta: *"basta raspar a assinatura na primeira folha"* (*titulum fronti erade*). Na Antiguidade Tardia ainda não existia a imprensa; publicar um livro significava mandar um manuscrito em pergaminho a um amigo bem relacionado — aqui, Desidério, outro aristocrata cristão da Aquitânia — para que os copistas da casa dele fizessem novas cópias. Como o pergaminho (pele de animal tratada) era caro e muito resistente, apagar o nome do autor era algo que se fazia literalmente raspando a tinta seca com uma lâmina ou pedra-pomes. Claro que Desidério não raspou nome nenhum: espalhou o livro por toda parte, e a obra se tornou o primeiro grande sucesso de vendas da literatura cristã ocidental!

CAPÍTULO I

Por que uma vida santa vale mais do que a fama de Heitor ou de Sócrates

Muita gente, obcecada pelos estudos mundanos e pelo desejo de prestígio, se convenceu de que conseguiria imortalizar o próprio nome se escrevesse a biografia de figuras célebres. É verdade que esse esforço não lhes deu a eternidade, mas sempre lhes trouxe um pouco daquilo que procuravam: por um lado, deixavam o seu nome lembrado no mundo, ainda que isso pouco valha; por outro, ao contarem a vida de homens notáveis, despertavam nos leitores uma grande vontade de seguir esses exemplos. Só que nada disso servia para alcançar a vida verdadeiramente feliz e eterna.

De que lhes valeu, afinal, a fama dos seus livros, destinada a desaparecer junto com este mundo? E que proveito tiraram as gerações seguintes de ler os combates de Heitor ou as discussões filosóficas de Sócrates? Querer imitá-los já é uma tolice; não combater essas ideias com firmeza é pura insensatez. Como mediam a vida humana apenas pelo que se faz aqui na terra, puseram a sua esperança em lendas e

entregaram a alma ao túmulo. Acreditavam que bastava sobreviver na memória das pessoas, quando o verdadeiro objetivo do ser humano deveria ser buscar uma vida eterna e não uma fama eterna — coisa que não se conquista escrevendo, guerreando nem filosofando, mas vivendo com retidão, bondade e fidelidade a Deus.

Esse equívoco, transmitido de geração em geração por meio dos livros, teve tanta força que levou muitíssima gente a imitar ora essa filosofia vazia, ora esse falso ideal de bravura guerreira. Por isso mesmo, acho que vale muito a pena escrever a biografia de um homem verdadeiramente santo, que possa servir de inspiração a outros no futuro. Ao lê-la, quem sabe muitos não se sentirão chamados à verdadeira sabedoria, ao serviço de Deus e a uma vida íntegra. E, ao fazer isso, também penso no meu próprio bem: não espero ficar famoso entre os homens, mas receber de Deus uma recompensa duradoura. Porque, mesmo que eu próprio não tenha sabido viver de maneira a dar o exemplo, fiz pelo menos o que estava ao meu alcance para tornar conhecido alguém que realmente merece ser imitado.

Vou, então, começar a contar a vida de São Martinho, mostrando quem ele foi tanto antes de ser bispo como depois de assumir a diocese. É claro que não consegui descobrir tudo o que ele fez: os episódios que só ele presenciou continuam em segredo, porque Martinho nunca procurou elogios e, se dependesse apenas dele, teria preferido esconder todas as suas boas ações. Aliás, mesmo daquilo que chegou aos meus ouvidos deixei muita coisa de fora, pois achei que bastava escolher os momentos mais marcantes — até para não cansar quem lê com casos demais. Peço apenas aos leitores que confiem no que está escrito aqui e tenham a certeza de que não pus nada no papel sem antes confirmar muito bem. Se tivesse dúvidas, preferiria ter ficado calado a contar mentiras.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Heitor, Sócrates e a invenção de um novo modelo de herói**
>
> Neste capítulo de abertura, Sulpício Severo fala diretamente ao público culto do Império Romano. Na escola romana do século IV, toda a educação girava em torno de duas grandes referências: a epopeia guerreira de Homero — representada por **Heitor**, o herói troiano da *Ilíada* — e a tradição filosófica grega — representada por **Sócrates**.
>
> Ao contrapô-los a Martinho, Sulpício está lançando uma pequena revolução cultural: propõe trocar o herói de guerra e o filósofo antigo por um novo modelo humano — o homem de fé que se alista na *coelestis militia*, o "serviço militar do Céu". Note também o compromisso final do capítulo: como antigo advogado acostumado a provar fatos no tribunal, Sulpício garante que só incluiu relatos colhidos de testemunhas diretas e confiáveis ou ouvidos da boca do próprio Martinho.

CAPÍTULO II

Da Panônia à Itália: O menino que fugia para a igreja e foi levado acorrentado para o exército

Martinho nasceu em Sabária, uma cidade da província da Panônia, mas cresceu na Itália, em Ticino. A família tinha uma boa posição social para os padrões da época, mas os pais eram pagãos. O pai havia começado a vida militar como simples soldado e depois subiu até o posto de tribuno militar.

Na juventude, o próprio Martinho também seguiu a carreira das armas, servindo na cavalaria da guarda imperial durante o reinado do imperador Constâncio e, em seguida, sob o comando do César Juliano. Não foi, porém, por escolha dele: desde muito pequeno, aquele menino extraordinário só pensava em servir a Deus. Tinha apenas dez anos

quando, contra a vontade dos pais, fugiu para uma igreja e pediu que o aceitassem como catecúmeno. Pouco tempo depois, já inteiramente voltado para as coisas de Deus de uma forma impressionante para a idade, aos doze anos sonhava em ir viver como eremita no deserto — e teria feito isso se não fosse ainda tão novo e frágil. Mesmo assim, com a cabeça sempre nos mosteiros ou na igreja, já em criança trazia no coração aquilo que mais tarde iria realizar com tanta entrega.

Nesse meio-tempo, os imperadores publicaram um decreto que obrigava os filhos dos antigos militares a se alistarem no exército. O próprio pai de Martinho — que não suportava ver a inclinação religiosa do filho — o denunciou e o entregou às autoridades. Foi assim que, com apenas quinze anos, Martinho se viu preso, acorrentado e forçado a prestar o juramento militar. Levou consigo apenas um escravo para acompanhá-lo, mas inverteu por completo os papéis habituais: era o senhor que servia o servo. Na maioria das vezes, era o próprio Martinho quem lhe tirava as botas e as limpava, e os dois se sentavam para comer juntos à mesma mesa, quase sempre com Martinho servindo a refeição.



Em Ticino (Pavia), o jovem soldado Martinho, de apenas quinze anos, inverte a hierarquia romana e se ajoelha na tenda para tirar e limpar as botas militares do seu próprio servo.

Passou quase três anos no exército antes de ser batizado, mas sempre se manteve longe dos vícios em que os soldados costumam cair. Tratava os companheiros de armas com uma bondade imensa e uma generosidade fora do comum, e tinha uma paciência e uma humildade que pareciam acima das forças humanas. Quanto à simplicidade com que vivia, nem é preciso elogiá-la: levava uma vida tão austera que, já naquela época, mais parecia um monge do que um militar. Com esse jeito de ser, conquistou de tal modo os colegas de quartel que todos tinham por ele um respeito e um carinho enormes.

Mesmo sem ter ainda recebido o batismo, já vivia na prática como um verdadeiro cristão pelas obras que fazia: ajudava quem estava em dificuldades, socorria os mais infelizes, dava de comer a quem passava fome e roupa a quem não tinha o que vestir. Do salário do exército não guardava nada para si além do indispensável para comer a cada dia; já

naquela época levava a sério as palavras do Evangelho e não vivia preocupado com o dia de amanhã.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Tropas de elite, recrutamento à força e o oficial que limpava as botas do escravo**
>
> Há aqui vários detalhes históricos fascinantes sobre o século IV:
>
> 1. **Geografia: Sabária** (*Sabaria*), onde Martinho nasceu (em 316 segundo a cronologia tradicional, ou por volta de 336 segundo estudos mais recentes), corresponde à atual cidade de Szombathely, na Hungria, que fazia parte da província romana da Panônia. Já **Ticino** (*Ticinum*), onde cresceu, é hoje **Pavia**, no norte da Itália, na época uma importante cidade militar.
>
> 2. **O pai tribuno e a denúncia dentro de casa:** O pai de Martinho tinha subido por esforço próprio no exército romano: começou como soldado raso (*miles*) e chegou a **tribuno militar** (*tribunus militum*), um oficial superior com status equestre e boa renda. No final do Império Romano, como sempre faltavam homens para defender as fronteiras, o Estado criou leis hereditárias que obrigavam os filhos de veteranos a seguir a carreira das armas. Para um velho oficial pagão, devoto dos deuses da guerra, ver o filho de 15 anos querer ser monge cristão era uma vergonha inaceitável — e por isso foi o próprio pai quem o entregou aos recrutadores para que o levassem algemado!
>
> 3. **A Guarda Palatina (*scholares alae*):** Martinho não foi parar numa unidade comum de infantaria, mas nas *Scholae Palatinae*, a cavalaria de elite que fazia a escolta direta do Imperador (**Constâncio II**, filho de Constantino) e do César (**Juliano**). Eram tropas de prestígio, bem pagas e com direito a criado pessoal.
>
> 4. **O que era um "catecúmeno"?** No século IV, raramente se batizavam bebês. Quem queria se tornar cristão entrava primeiro no *catecumenato* — uma etapa de vários anos de preparação espiritual e prova moral.
>
> 5. **A inversão de papéis com o escravo:** Na sociedade romana, tirar e raspar a lama das pesadas botas militares (*caligae* ou *calciamenta*) era a tarefa mais baixa de um escravo. Ver um jovem oficial da guarda imperial limpar as botas do seu próprio servo e servi-lo à mesa era algo completamente impensável para a mentalidade da época.

CAPÍTULO III

A capa cortada ao meio às portas de Amiens e a visão de Cristo

Certa vez, numa época em que já não tinha consigo mais nada além das armas e de uma simples capa militar, no meio de um inverno muito mais rigoroso do que o normal — com um frio tão violento que muita gente morria congelada nas ruas —, Martinho encontrou, às portas da cidade de Amiens, um homem pobre, completamente sem roupa. O mendigo pedia a quem passava que tivesse pena dele, mas todo mundo seguia em frente sem lhe dar a menor atenção. Aquele jovem cheio de fé entendeu logo que, se ninguém mais socorria aquele infeliz, Deus o tinha deixado aos seus cuidados.

Mas o que ele podia fazer? Já não tinha mais nada além da capa militar que estava vestindo, porque tinha dado todo o resto a outros necessitados. Puxou então a espada que trazia à cintura, cortou a capa exatamente ao meio, entregou metade ao pobre e voltou a pôr sobre os ombros o pedaço que sobrava. Ao redor, alguns dos que assistiam à cena caíram na risada, achando ridícula a figura de um soldado com metade do manto cortado; muitos outros, porém, com mais consciência, sentiram uma profunda vergonha por não terem feito nada parecido, quando tinham recursos de sobra para vestir aquele homem sem passarem frio.



Às portas de Amiens, num inverno gelado, Martinho corta ao meio com a espada a sua capa branca e escarlate da Guarda Palatina para agasalhar um pobre sem roupa na neve.

Na noite seguinte, depois de adormecer, Martinho viu em sonho Cristo vestido exatamente com a metade da capa que ele tinha dado ao mendigo. Sentiu que lhe pediam para olhar bem para o Senhor e reconhecer a peça de roupa que tinha oferecido. Logo em seguida, ouviu Jesus dizer em voz bem clara à multidão de anjos ao seu redor: "Martinho, que ainda é apenas catecúmeno, me vestiu com esta capa!"

Fiel às palavras que Ele próprio tinha dito no Evangelho — *"Todas as vezes que vocês fizeram isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram"* —, o Senhor mostrava assim que tinha sido Ele mesmo o agasalhado na pessoa daquele pobre; e, para confirmar o valor daquele gesto, quis aparecer vestido com o exato pedaço de pano que o mendigo tinha recebido. Apesar dessa visão, Martinho não se encheu de vaidade. Pelo contrário: reconhecendo em tudo aquilo a bondade de Deus, assim que fez dezoito anos tratou logo de ser batizado. Mesmo assim, não deixou o exército imediatamente,

porque cedeu aos pedidos insistentes do seu tribuno, de quem era grande amigo e companheiro de tenda; é que esse comandante lhe prometia que, assim que terminasse o seu tempo de serviço militar, ele também deixaria a vida do mundo. Agarrado a essa promessa, Martinho permaneceu no exército por quase mais dois anos depois do batismo, embora já fosse soldado só no nome.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: A capa militar, a origem da palavra "capela" e o verão de São Martinho**
>
> Acabamos de ler o episódio mais famoso da vida de São Martinho, ocorrido às portas de *Samarobriva Ambianorum* — a atual cidade de **Amiens**, no norte da França — durante um inverno gelado da década de 330 ou de 350. Há três curiosidades que dão ainda mais vida a esta cena:
>
> 1. **Por que Martinho cortou a capa ao meio em vez de dá-la inteira?** Na guarda imperial romana, o manto militar branco ou escarlate (*chlamys*, muitas vezes forrado com pele de ovelha no inverno) fazia parte da farda regulamentar: metade pertencia ao Estado romano e a outra metade era paga pelo soldado. Se um militar se apresentasse na formação completamente sem capa, era punido por extravio de equipamento! Ao cortá-la ao meio com a espada, Martinho deu tudo o que lhe pertencia e guardou a parte obrigatória — ficando com uma aparência tão caricata (*truncatus habitu*) que fez rir quem passava.
>
> 2. **Como a meia capa de Martinho deu origem às palavras "capela" e "capelão":** Séculos mais tarde, esse meio manto de São Martinho (que chamavam, em latim tardio, de *cappa*, "pequena capa") se tornou a relíquia mais preciosa dos reis francos, que a levavam até para as batalhas. O pequeno santuário onde guardavam a *cappa* de São Martinho começou a ser chamado de *capella* ("o lugar da capinha"), e os padres encarregados de cuidar dela eram os *capellani*. Foi daí que nasceram diretamente as palavras **capela** e **capelão**!
>
> 3. **E o "verão de São Martinho"?** Como você vê no texto original de Sulpício Severo, no século IV ainda não existia a lenda de que o sol teria rompido as nuvens naquele instante. Essa tradição popular surgiu séculos depois, quando a festa do funeral de São Martinho (em **11 de novembro**) passou a coincidir

com o fenômeno meteorológico habitual de meados de novembro na Europa — alguns dias seguidos de sol quente e céu limpo antes do inverno, uma espécie de veranico —, unindo para sempre o calor humano do gesto da capa ao sol de outono.

CAPÍTULO IV

O frente a frente com Juliano em Worms: “Sou soldado de Cristo, não posso combater”

Nesse meio-tempo, os povos bárbaros invadiram a Gália. O César Juliano reuniu então o exército perto da cidade dos Vangiões e começou a distribuir aos soldados um prêmio extraordinário em dinheiro. Como era costume, os militares iam sendo chamados um a um pelo nome, até que chegou a vez de Martinho.

Percebendo que aquele era o momento certo para pedir a dispensa do exército — até porque achava desonesto aceitar o dinheiro sabendo que não ia entrar em combate —, Martinho falou diretamente a Juliano: “Até hoje estive a seu serviço; deixe-me agora servir a Deus. Fique com o seu prêmio quem vai para a batalha; eu sou soldado de Cristo, não posso combater.”



Em Worms (356 d.C.), diante da tribuna militar e dos cofres de ouro do César Juliano, Martinho recusa o prêmio de campanha: "Até hoje estive a seu serviço; deixe-me agora servir a Deus. Sou soldado de Cristo, não posso combater."

Ao ouvir aquilo, o tirano ficou furioso e jogou na cara dele que não era por fé que queria deixar o exército, mas por medo da batalha marcada para o dia seguinte. Martinho, sem se deixar intimidar — e ganhando ainda mais firmeza diante daquelas ameaças —, respondeu: "Se o senhor acha que isto é covardia e não fé, amanhã eu me apresento desarmado na primeira fila, à frente das nossas tropas; e, em nome do Senhor Jesus, sem escudo nem capacete, protegido apenas pelo sinal da cruz, avançarei sem medo pelo meio das linhas inimigas."

Juliano mandou prendê-lo imediatamente, para obrigá-lo a cumprir a palavra no dia seguinte, diante dos bárbaros e sem armas. Mas, logo pela manhã, os inimigos enviaram emissários pedindo a paz, rendendo-se incondicionalmente e entregando tudo o que tinham.

Diante disso, quem pode duvidar de que aquela vitória se deveu a Martinho, poupado assim por Deus de ser lançado desarmado à frente de combate? É claro que o Senhor, na sua bondade, podia perfeitamente

manter o seu soldado são e salvo no meio das espadas e das lanças inimigas; mas quis evitar a própria batalha para que nem os olhos de Martinho tivessem de assistir à morte de outros homens. Afinal, que outra vitória Cristo haveria de dar ao seu soldado senão esta: vencer o inimigo sem derramar uma gota de sangue e sem que ninguém morresse?

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O prêmio em ouro, Juliano, o Apóstata, e um dos primeiros objetores de consciência**
>
> Estamos no ano de **356 d.C.**, em *Borbetomagus*, a cidade do povo dos Vangiões — a atual **Worms**, às margens do rio Reno, na Alemanha. Tribos germânicas (alamanos e francos) tinham atravessado o Reno e saqueado várias cidades da Gália.
>
> À frente das tropas romanas está **Juliano César**, sobrinho de Constantino, que poucos anos mais tarde se tornaria imperador e ficaria conhecido na História como **Juliano, o Apóstata** (361–363), por ter tentado restaurar o paganismo no Império Romano e retirar os privilégios dos cristãos — razão pela qual Sulpício o chama duramente de "o tirano" (*tyrannus*).
>
> Para medir a coragem de Martinho, convém entender o que era esse prêmio militar (*donativum*): além do soldo normal (*stipendium*), na véspera de uma campanha importante o comandante entregava em mãos uma generosa quantia em moedas de ouro a cada soldado. Aceitar o *donativum* equivalia a renovar o compromisso de honra de lutar até a morte na batalha seguinte. Se Martinho recebesse o ouro e depois se recusasse a empunhar a espada, seria executado por deserção e roubo; ao recusar o dinheiro em público, com o exército inteiro em formação, desafiou abertamente a autoridade de Juliano, protagonizando um dos casos mais célebres de objeção de consciência da Antiguidade.

CAPÍTULO V

Santo Hilário de Poitiers, o cargo de exorcista e a emboscada dos assaltantes nos Alpes

Assim que deixou a vida militar, Martinho foi procurar Santo Hilário, bispo de Poitiers, um homem cuja fé e sabedoria religiosa eram, naquela época, admiradas por todo mundo, e ficou algum tempo com ele. Hilário quis mantê-lo por perto e integrá-lo ao clero da diocese, ordenando-o diácono. Mas Martinho recusou repetidas vezes, insistindo que não era digno de tamanho cargo. Hilário, que era um homem de enorme perspicácia, percebeu que só havia uma maneira de convencê-lo: dar-lhe uma função tão modesta que parecesse quase um rebaixamento. Propôs então que ele fosse exorcista; e dessa vez Martinho aceitou, para não dar a impressão de desprezar o posto por ser humilde demais.

Pouco tempo depois, sentiu-se avisado num sonho de que devia ir visitar a sua terra natal e os pais, que continuavam ligados ao paganismo, para tentar ajudá-los na fé. Partiu com a autorização de Santo Hilário, que só o deixou ir depois de lhe arrancar, entre pedidos e lágrimas, a promessa de que voltaria. Conta-se que Martinho pegou a estrada de coração pesado, avisando os companheiros de que ia passar por muitas provações — coisa que a viagem logo confirmou.

Para começar, ao pegar uns atalhos isolados na travessia dos Alpes, caiu numa emboscada de bandidos. Um deles chegou a levantar o machado para lhe abrir a cabeça, mas outro assaltante segurou-lhe o braço no último instante. Mesmo assim, amarraram as mãos dele atrás das costas, roubaram o que levava e o deixaram sob a guarda de um dos homens do bando. Este o levou para um canto afastado e começou a lhe perguntar quem ele era. Martinho respondeu que era cristão. O assaltante perguntou se ele estava com medo. Com toda a calma, Martinho garantiu que nunca tinha se sentido tão seguro na vida,

porque sabia que a proteção de Deus nunca falta, sobretudo nos momentos de maior aperto; e acrescentou que sentia, isso sim, pena dele, que, por estar metido na vida do crime, se afastava da misericórdia de Cristo.



Nos desfiladeiros dos Alpes, de mãos amarradas atrás das costas, Martinho fala serenamente do Evangelho ao assaltante que o vigiava de machado na mão e acaba por convertê-lo.

Ali mesmo, começou a lhe explicar o Evangelho e a lhe falar da palavra de Deus. Não é preciso alongar a história: o ladrão acreditou no que ouviu, acompanhou Martinho até deixá-lo outra vez em segurança na estrada principal e se despediu dele pedindo que rezasse por ele. Mais tarde, soube-se que esse homem tinha mudado completamente de vida e entrado para a vida religiosa — aliás, dizem que todo este episódio chegou até nós contado pela sua própria boca.

🎙️ Contexto do Narrador: A inteligência de Santo Hilário e por que ser "exorcista" era um posto modesto

Santo Hilário de Poitiers (c. 315–367) era a grande referência intelectual da Igreja na Gália — um teólogo notável e o verdadeiro mestre espiritual de Martinho.

Há neste capítulo um detalhe que costuma causar estranheza a quem hoje assiste a filmes de terror: por que Martinho recusou ser **diácono** por se achar indigno, mas aceitou ser **exorcista** por ser uma função humilde? Na Igreja do século IV, os **diáconos** eram o braço direito do bispo: administravam as contas da diocese, organizavam a ajuda aos pobres e tinham enorme peso social. Já o **exorcista** pertencia às chamadas "ordens menores": era uma tarefa discreta e subalterna, dedicada a acompanhar os catecúmenos, cuidar da igreja e dar assistência às pessoas perturbadas ou tidas como possessas que viviam à margem da comunidade. Hilário usou uma psicologia brilhante: percebeu que um cargo de prestígio faria Martinho fugir, mas que ele nunca recusaria o degrau mais baixo da igreja para não parecer orgulhoso!

CAPÍTULO VI

O encontro com o Diabo na estrada, os açoites em público e o veneno na Ilha Galinária

Seguindo viagem, depois de passar por Milão, o Diabo lhe apareceu na estrada sob a figura de um homem e perguntou para onde ele ia. Quando Martinho respondeu que ia para onde o Senhor o chamava, o Diabo o avisou: "Aonde quer que você vá e o que quer que você tente, o Diabo sempre vai se pôr no seu caminho!" Martinho respondeu na hora com o versículo do Salmo: *"O Senhor está comigo; não tenho medo. O que podem os homens fazer contra mim?"* E, naquele exato instante, o inimigo desapareceu da sua frente.

Chegando finalmente à terra natal, conseguiu realizar parte do que tanto desejava: levou a mãe a deixar o paganismo e a abraçar a fé, embora o pai teimasse em não mudar de vida. Pelo caminho, porém, o exemplo de Martinho levou muitas outras pessoas a se converterem.

Naquela época, a heresia ariana tinha se alastrado por todo o Império e dominava sobretudo a região do Ilírico. Quase sozinho, Martinho enfrentou com enorme coragem os bispos locais que defendiam essa doutrina. Pagou caro por essa franqueza: foi duramente perseguido, açoitado com varas em praça pública e, no fim, expulso da cidade. Voltou então para a Itália, mas, ao saber que na Gália a Igreja também atravessava grandes dificuldades, porque os hereges tinham conseguido mandar Santo Hilário para o exílio, resolveu estabelecer um pequeno mosteiro em Milão. Nem ali teve sossego: Auxêncio, o principal líder dos arianos na cidade, moveu contra ele uma perseguição feroz e, depois de submetê-lo a todo tipo de insultos e abusos, o pôs para fora de Milão.

Achando mais sensato esperar que a tempestade passasse, Martinho se retirou para uma pequena ilha chamada Galinária, na companhia de um padre de grande virtude. Ali viveu durante algum tempo alimentando-se apenas de raízes e ervas silvestres. Um dia, sem perceber, acabou comendo heléboro, uma planta muito venenosa. Quando sentiu o veneno se espalhando pelo corpo e percebeu que estava às portas da morte, começou a rezar com todas as forças: o perigo passou e as dores desapareceram por completo. Pouco depois, soube que o imperador, arrependido da decisão anterior, tinha autorizado Santo Hilário a voltar do exílio; Martinho se pôs logo a caminho de Roma, na esperança de encontrá-lo na viagem de volta.

> **Contexto do Narrador: A crise ariana e a ilha deserta de Martinho**
>
> Para entendermos por que Martinho foi **açoitado em praça pública** nos Bálcãs (a província do *Ilírico*, que abrangia a Panônia e parte das atuais Croácia e Sérvia) e expulso de **Milão**, temos de olhar para a maior polêmica

religiosa do século IV: o **arianismo**.

Ário, um padre de Alexandria, ensinava que Jesus Cristo não era Deus eterno igual ao Pai, mas sim a primeira e mais perfeita criatura criada por Deus. Apesar de o Concílio de Niceia (325) ter condenado essa ideia, o imperador **Constâncio II** tomou o partido dos bispos arianos: mandou para o exílio os bispos fiéis a Niceia (como Santo Hilário de Poitiers, desterrado para a atual Turquia em 356) e entregou sedes importantes, como a capital imperial de Milão, a bispos arianos como **Auxêncio**.

Sem espaço nas cidades controladas pelos arianos, Martinho buscou refúgio na **Ilha Galinária** (*Isola Gallinara*), uma pequena ilhota rochosa ao largo da Ligúria (perto de Albenga, no norte da Itália). Ali viveu como eremita, comendo raízes silvestres — até o dia em que confundiu uma raiz com **heléboro**, uma planta tóxica capaz de provocar parada cardíaca.

CAPÍTULO VII

O mosteiro de Ligugé e o primeiro milagre: O catecúmeno que voltou à vida

Como Hilário já tinha passado por Roma quando ele chegou lá, Martinho seguiu os passos dele até Poitiers. Hilário o recebeu com uma alegria imensa, e Martinho fundou pouco depois um pequeno mosteiro nos arredores da cidade. Não demorou para que se juntasse a ele um jovem catecúmeno que queria aprender a viver segundo a orientação daquele mestre tão admirado; mas, passados poucos dias, o rapaz caiu de cama com uma febre altíssima.

Por infelicidade, Martinho tinha precisado sair em viagem e ficou fora três dias. Quando voltou, já o encontrou morto: a doença tinha sido tão fulminante que o jovem partira sem sequer ter tido tempo de ser batizado. O corpo estava estendido no meio da sala, cercado pelos

monges em lágrimas, que preparavam o funeral, quando Martinho entrou correndo, desfeito em pranto.

Guiado por uma profunda inspiração interior, pediu a todos que saíssem da pequena cela onde estava o corpo, fechou a porta por dentro e se deitou sobre o irmão sem vida. Ficou assim, rezando intensamente durante algum tempo, até sentir, no fundo da alma, que a força de Deus estava agindo. Nesse momento, ergueu-se um pouco e ficou de olhos cravados no rosto do rapaz, esperando, cheio de confiança, o fruto da sua oração e da misericórdia do Senhor. Não tinham passado nem duas horas quando viu o corpo começar bem devagarinho a se mexer todo e as pálpebras tremerem, abrindo-se outra vez para a luz. Comovido, Martinho começou a agradecer a Deus em voz tão alta que os gritos de alegria encheram a cela inteira. Ao ouvirem aquilo, os monges que esperavam do lado de fora, junto à porta, correram logo para dentro — e ficaram sem palavras ao verem vivo aquele que tinham deixado morto!



No mosteiro de Ligugé — o mais antigo da Europa —, depois de duas horas de oração intensa de Martinho, o jovem catecúmeno que tinha morrido sem batismo abre os olhos e volta à vida diante do espanto dos monges.

De volta à vida, o rapaz foi batizado logo em seguida e ainda viveu muitos anos, tornando-se entre nós a primeira testemunha viva dos milagres de Martinho. Ele mesmo costumava contar o que lhe tinha acontecido depois de sair do corpo: fora levado à presença do Juiz supremo e, como ainda não era batizado, tinha acabado de ouvir a dura sentença que o mandava para um lugar sombrio, no meio de uma multidão anônima. Nesse instante, porém, dois anjos avisaram o Juiz de que era justamente por aquele jovem que Martinho estava rezando. Por ordem do Juiz, os mesmos anjos o trouxeram de volta, o entregaram a Martinho e o devolveram à vida. A partir daquele dia, a fama de Martinho se espalhou por toda parte: quem já era visto por todos como um homem santo passou a ser admirado também pela força dos seus prodígios e comparado aos próprios Apóstolos.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O mosteiro mais antigo da Europa e um relato de quase morte no século IV**
>
> A pequena comunidade que Martinho criou perto de Poitiers por volta de **361** é **Ligugé** — considerado pelos historiadores **o mosteiro mais antigo da Europa Ocidental**, fundado mais de um século e meio antes de São Bento!
>
> Repare em dois detalhes curiosos deste episódio:
>
> 1. **O gesto dos antigos profetas:** Quando Martinho fecha a porta do quarto e se deita sobre o rapaz falecido, está repetindo tal e qual o gesto dos profetas Elias (1 Reis 17,21) e Eliseu (2 Reis 4,34) no Antigo Testamento.
>
> 2. **O medo de morrer sem batismo:** Por que o jovem conta que iam mandá-lo para um "lugar sombrio" (*obscuris locis*)? Para os cristãos do século IV, morrer ainda como catecúmeno, antes do batismo, deixava a alma privada da plena entrada na luz — e esta descrição é também um dos relatos mais antigos, na literatura ocidental, daquilo que hoje chamaríamos de experiência de quase morte.

CAPÍTULO VIII

O jovem escravo de Lupicino salvo da morte

Pouco tempo depois, ao passar pelas propriedades de Lupicino, um homem muito importante e bem posicionado na sociedade, Martinho ouviu ao longe os gritos e o choro desesperado de uma multidão. Preocupado, aproximou-se da casa para perguntar o que tinha acontecido, e lhe disseram que um jovem escravo da propriedade acabava de se suicidar por enforcamento.

Assim que soube daquilo, Martinho entrou no pequeno quarto onde tinham colocado o corpo, pediu a todo mundo que saísse, estendeu-se sobre o rapaz e ficou rezando durante algum tempo. Pouco depois, a cor começou a voltar ao rosto do jovem, e os olhos, já apagados, recuperaram o brilho e se fixaram no rosto de Martinho. Fazendo um esforço lento para se erguer, o rapaz agarrou a mão direita de Martinho, ficou de pé e saiu andando com as próprias pernas, de mãos dadas com ele, até o pátio da entrada, diante dos olhos incrédulos de toda aquela gente.

> **Contexto do Narrador: A compaixão pelos mais frágeis nas grandes fazendas romanas**
>
> Lupicino era aquilo que os romanos chamavam de *vir honoratus* — um grande proprietário rural da aristocracia senatorial, dono de uma enorme fazenda (*villa*) onde trabalhavam dezenas ou centenas de escravos (a *familia*, no sentido romano da palavra).
>
> O que torna este pequeno capítulo tão tocante é a reação de Martinho diante do suicídio de um pobre escravo (*servulus*). Enquanto nos séculos seguintes as leis da Igreja passariam a condenar o suicídio com enorme dureza, chegando a proibir o enterro cristão, Martinho não faz nenhum sermão nem tem receio de tocar num rapaz que pôs fim à vida em desespero: entra no quarto dele,

> reza sobre o seu corpo e traz o rapaz pela mão até o pátio, diante do senhor e de todos os criados da casa.

CAPÍTULO IX

O “sequestro” para ser bispo de Tours e a humilhação do bispo Defensor

Mais ou menos por essa época, o povo da Igreja de Tours começou a querer Martinho como seu bispo. Como sabiam que não ia ser nada fácil tirá-lo do mosteiro, um morador de Tours chamado Rurício inventou um estratagema: fingiu que a esposa estava às portas da morte e, atirando-se de joelhos aos pés de Martinho, implorou tanto que o convenceu a sair com ele. Pelo caminho já estavam combinados vários grupos de moradores da cidade, que o cercaram na estrada e o levaram quase sob escolta até Tours.

Esperando por ele estava uma multidão impressionante, vinda não só de Tours como também das localidades vizinhas, para votar na escolha do novo bispo. Entre o povo não havia duas opiniões: todo mundo queria a mesma coisa e dizia a uma só voz que ninguém merecia mais ser bispo do que Martinho, e que feliz seria a diocese que tivesse à frente um homem como aquele. Havia, porém, um pequeno grupo contra — incluindo alguns dos bispos chamados à cidade para a cerimônia de ordenação — que tentava barrar a escolha a todo custo. Diziam abertamente que Martinho não passava de uma figura sem categoria, que não tinha apresentação para ser bispo, que andava malvestido, com a roupa suja e o cabelo despenteado. Mas o povo, com muito mais bom senso do que eles, riu da teimosia daqueles prelados que, ao tentarem rebaixar um homem tão admirável, só estavam lhe fazendo elogios. No

fim, não tiveram outro remédio senão consagrá-lo, empurrados pela vontade popular e pelos planos de Deus.

Conta-se que, entre os bispos presentes, quem mais lutou contra Martinho foi um que se chamava justamente Defensor — e que naquele mesmo dia acabou humilhado em público por aquilo que todos viram como um sinal profético. Aconteceu que o leitor encarregado de ler as Escrituras na cerimônia não conseguiu abrir caminho pelo meio da multidão e ficou retido do lado de fora. Enquanto os padres do altar esperavam, atrapalhados, sem saber o que fazer, um dos presentes pegou o livro dos Salmos, abriu-o ao acaso e começou a ler em voz alta o primeiro versículo que lhe apareceu. E o Salmo dizia isto: *"Da boca das crianças e dos pequeninos fizeste sair um louvor perfeito contra os teus adversários, para derrotares o inimigo e o defensor."*

Assim que essas palavras soaram na igreja, o povo inteiro explodiu num grito imenso, deixando os opositores completamente desarmados e cheios de vergonha. Ninguém teve dúvidas de que aquele Salmo tinha saído por vontade de Deus para que o bispo Defensor ouvisse ali mesmo a condenação da sua intriga: pela voz da gente simples se confirmava o louvor de Deus em Martinho e, ao mesmo tempo, caía a máscara do adversário.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Eleições populares na igreja, bispos da alta sociedade e o trocadilho com "Defensor"**
>
> Estamos em **4 de julho de 371**, o dia em que Martinho foi sagrado bispo de Tours (*Caesarodunum Turonum*). Este episódio retrata à perfeição três aspectos muito vivos da Igreja do século IV:
>
> 1. **Como se elegia um bispo:** Na Antiguidade, os bispos não eram nomeados à distância por Roma; eram escolhidos diretamente, em assembleia aberta, pelos cristãos da cidade (*ad suffragia ferenda*), junto com os padres locais e os bispos das dioceses vizinhas. Quando um monge muito querido pelo povo

não queria aceitar o cargo, os moradores recorriam às vezes a um "sequestro amigável" — exatamente como fez Rurício!

2. **O choque entre os bispos refinados e o monge despenteado:** Por que os outros bispos torceram o nariz para a roupa gasta e o cabelo comprido e desalinhado de Martinho? Porque, na segunda metade do século IV, ser bispo de uma cidade romana já era uma posição de grande prestígio social, ocupada sobretudo por antigos senadores, altos funcionários e grandes proprietários acostumados a túnicas impecáveis e às boas maneiras da aristocracia. Ver aparecer um eremita pobre, de barba e cabelo por cortar, feria todas as regras de etiqueta daquele grupo.

3. **A coincidência explosiva do Salmo 8,3:** Por que a igreja inteira veio abaixo com aquela leitura? Nas traduções atuais da Bíblia, esse versículo costuma ser traduzido como *"para fazeres emudecer o inimigo e o vingador"*. Só que na *Vetus Latina* — a antiga tradução latina usada na Gália no tempo de Martinho —, a palavra usada para "vingador" era literalmente **defensorem** (*"ut destruas inimicum et defensorem"*)! Como o líder da oposição a Martinho se chamava **Defensor**, ouvir ler ao acaso *"para derrotares o inimigo e o Defensor"* soou para todo mundo como uma resposta direta de Deus, com nome e sobrenome!

CAPÍTULO X

O bispo que morava numa cabana de madeira: A fundação de Marmoutier

Depois que ele se tornou bispo, nem tenho palavras para descrever a grandeza de alma que Martinho revelou. Continuou sendo exatamente o mesmo homem de sempre: a mesma humildade de coração, a mesma pobreza no modo de se vestir. Cheio de autoridade natural e de graça, desempenhava plenamente as responsabilidades de bispo sem nunca abrir mão da vida simples e austera de monge.

Nos primeiros tempos ainda morou num pequeno quarto colado à igreja da cidade. Mas, como não aguentava o entra e sai constante de pessoas que vinham bater à sua porta, resolveu fundar um mosteiro a cerca de três quilômetros de Tours. O lugar era tão sossegado e escondido que parecia o próprio deserto: de um lado se erguia a parede íngreme de um paredão rochoso; do outro, o rio Loire abraçava a pequena planície com uma curva suave. Só havia um caminho para chegar lá, e mesmo esse era bem estreito.



A Abadia de Marmoutier, nos arredores de Tours: entre a escarpa de rocha calcária escavada em grutas e a curva do rio Loire, os discípulos mais novos se dedicam a copiar manuscritos.

Martinho construiu para si uma simples cabana de madeira e ramos entrelaçados, e vários monges fizeram o mesmo; a maioria, porém, escavou o seu abrigo diretamente na rocha macia da encosta. Viviam ali oitenta discípulos, todos empenhados em seguir o exemplo do seu mestre. Ninguém era dono de nada; tudo pertencia a todos, e era proibido comprar ou vender o que quer que fosse, ao contrário do que muitos outros monges já faziam.

Ali ninguém exercia ofícios manuais, com uma única exceção: a cópia de livros — tarefa entregue aos mais novos, para que os mais velhos pudessem se dedicar em tempo integral à oração. Quase ninguém saía da sua cela, a não ser na hora de rezar em conjunto. Todos faziam uma única refeição em comum no fim do dia, depois de terminado o jejum, e ninguém bebia vinho, a menos que estivesse doente e precisasse dele como remédio. Quase todos vestiam túnicas ásperas de pelo de camelo; usar tecidos macios era considerado ali uma falta grave — o que impressiona ainda mais se pensarmos que muitos daqueles monges vinham de famílias nobres, tinham sido criados no meio do conforto e escolheram por livre vontade esta vida dura e humilde. Mais tarde, vimos vários deles se tornarem bispos; afinal, que cidade ou que diocese não sonhava em ter à sua frente um padre formado no mosteiro de Martinho?

> **Contexto do Narrador: As grutas do rio Loire e o berço dos copistas medievais**
>
> O refúgio que Martinho criou a duas milhas romanas (cerca de 3 quilômetros) de Tours, espremido entre a encosta calcária e o rio Loire (*Liger*), viria a se tornar a famosa Abadia de **Marmoutier** (*Maius Monasterium*). A rocha daquela margem do Loire é o *tuffeau*, um calcário branco e fácil de escavar, onde ainda hoje é possível visitar as grutas abertas pelos monges de Martinho!
>
> Há neste capítulo dois detalhes com um impacto enorme na História europeia:
>
> 1. **A dedicação exclusiva à cópia de livros (*scriptores*):** Enquanto os monges dos desertos do Egito trançavam cestos ou cordas para ganhar o pão, Martinho criou em Marmoutier uma regra nova no Ocidente: o único trabalho manual do mosteiro era **copiar livros à mão**. Ao pôr os monges mais jovens para transcrever manuscritos, Martinho lançou a semente dos futuros *scriptoria* medievais, que iriam salvar grande parte da cultura antiga e cristã durante a queda do Império Romano.

2. **Um viveiro de novos bispos:** Ao atrair jovens da aristocracia romana (*nobiles*) para uma vida despojada e dedicada ao estudo das Escrituras, Marmoutier se transformou numa autêntica escola espiritual, de onde saíram muitos dos bispos que renovaram a Igreja na Gália.

CAPÍTULO XI

O falso mártir desmascarado: O espírito do criminoso junto ao altar

Passemos agora a outras coisas admiráveis que Martinho fez como bispo. Não muito longe da cidade, bem perto do mosteiro, havia uma sepultura onde o povo tinha se acostumado a ir rezar, convencido de que ali estavam enterrados mártires cristãos — a tal ponto que os bispos anteriores tinham até mandado erguer um altar no local.

Martinho, porém, não era homem de acreditar facilmente em histórias mal contadas. Começou a perguntar aos padres e clérigos mais velhos da diocese quem tinha sido, afinal, aquele mártir e em que época tinha morrido, confessando que lhe custava muito aceitar um culto sobre o qual os antigos não tinham deixado um único registro seguro. Durante algum tempo, evitou até pôr os pés lá: como não tinha certeza, não queria ofender a boa-fé das pessoas, mas também se recusava a dar, com a sua presença, respaldo oficial a uma devoção que podia não passar de superstição. Até que, um dia, resolveu ir ao local acompanhado apenas de alguns monges.

Parou diante do túmulo e rezou a Deus, pedindo que Ele lhe mostrasse quem estava sepultado ali e que vida tinha levado. Assim que virou a cabeça para o lado esquerdo, viu ali mesmo, de pé, um vulto escuro e de aspecto feroz. Martinho ordenou que ele dissesse como se chamava e o que tinha feito em vida. O espírito disse o nome e confessou tudo: tinha

sido um assaltante de estradas, executado pelos crimes que cometera, e estava sendo venerado por puro engano do povo mal informado; não tinha absolutamente nada a ver com os mártires, porque, enquanto estes estavam na glória de Deus, ele cumpria ali o seu castigo. O mais impressionante é que os monges que acompanhavam Martinho ouviam perfeitamente a voz respondendo, embora não vissem ninguém.

Martinho então contou a eles o que tinha acabado de ver e mandou retirar imediatamente o altar daquele lugar, livrando a população de continuar enganada por aquela falsa devoção.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O senso crítico de Martinho e a febre das relíquias no século IV**
>
> No final do século IV, a devoção aos mártires disparou em todo o Império Romano: toda localidade queria ter o túmulo de um herói das antigas perseguições, e bastava aparecer uma sepultura antiga à beira de um caminho para o povo começar logo a fazer romarias até ela.
>
> A atitude de Martinho é de uma lucidez espantosa para a época: em vez de fechar os olhos porque aquilo "fazia bem à fé do povo", ele se comporta como um investigador exigente. Faz perguntas aos padres mais antigos, procura registros históricos — o nome do mártir e a data do martírio (*acta martyrum*) — e se recusa a validar um culto sem provas. Note ainda um detalhe simbólico típico do mundo antigo: a sombra do criminoso aparece **à esquerda** (*ad laevam — sinistra* em latim), o lado que, tanto na cultura romana como no Evangelho de São Mateus (25,33), estava associado à condenação.

CAPÍTULO XII

O funeral pagão imobilizado no meio do campo

Algum tempo depois, numa das suas viagens pelo interior, Martinho avistou ao longe o funeral de um pagão, que seguia para o enterro cercado de rituais supersticiosos. Como ainda vinham a mais de setecentos metros de distância, Martinho parou, tentando entender que aglomeração era aquela, sem conseguir distinguir direito, de longe, o que estava acontecendo.

Viu, no entanto, que era um grupo grande de camponeses e reparou em uns lençóis de linho branco esvoaçando ao vento por cima do que carregavam nos ombros. Convenceu-se logo de que vinham fazendo uma procissão pagã, porque a gente do campo na Gália tinha o velho hábito de passear pelas suas terras as estátuas dos seus deuses cobertas com panos brancos.

Martinho levantou então a mão, fez o sinal da cruz na direção deles e ordenou que parassem onde estavam e pusessem no chão o que levavam. O que se viu em seguida foi extraordinário: primeiro, todos aqueles homens estacaram, imóveis como estátuas de pedra; depois, por mais força que fizessem para avançar, não conseguiam dar um único passo à frente e começaram a girar em torno de si mesmos de uma maneira completamente ridícula, até que, exaustos, não tiveram outro remédio senão pôr o corpo no chão. Perplexos, olhavam uns para os outros em silêncio, sem entender o que estava acontecendo com eles.

Nesse meio-tempo, ao ver a cena mais de perto, Martinho percebeu que aquilo era apenas um cortejo fúnebre e não uma procissão de ídolos. Levantou outra vez a mão e os deixou livres para pegarem o defunto e

seguirem caminho. E assim, quando quis, ele os fez parar; e, quando achou por bem, deixou que fossem em paz.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: De onde vem a palavra "pagão" e as procissões agrícolas na Gália**
>
> Este episódio — quase cômico na imagem dos homens rodando sem conseguirem sair do lugar — ajuda a explicar a origem da própria palavra **pagão**!
>
> Em latim, uma aldeia ou distrito rural se chamava *pagus*, e quem vivia ali era o *paganus* — o habitante do campo, o aldeão (que Sulpício também chama de *rusticus*). Enquanto o cristianismo se espalhou depressa pelas cidades romanas (*civitates*), nas zonas rurais da Gália os agricultores mantiveram por muito tempo os velhos rituais celto-romanos. Um dos mais populares acontecia na primavera (parecido com as festas romanas das *Ambarvalia* e com o culto de Cibele ou das antigas deusas-mães celtas): levavam em procissão, ao redor das plantações, imagens de divindades cobertas com panos de linho branco para pedir boas colheitas. À distância de 500 passos romanos (cerca de 740 metros), Martinho confundiu o lençol da mortalha com os véus de um desses cortejos agrícolas — mas, assim que viu que era apenas gente da aldeia indo enterrar um morto, deixou que seguissem a sua vida.

CAPÍTULO XIII

O desafio do pinheiro sagrado: Amarrado debaixo da árvore que caía

Em outra ocasião, numa aldeia onde tinha acabado de demolir um templo pagão muito antigo, Martinho se preparava para mandar derrubar também um grande pinheiro que ficava bem ao lado do santuário. Dessa vez, porém, o sacerdote pagão do lugar e todos os moradores se puseram no seu caminho. Por incrível que pareça, aquelas mesmas pessoas que, por vontade de Deus, tinham ficado quietas vendo

o templo de pedra ser posto abaixo não admitiam de jeito nenhum que se tocasse na árvore.

Martinho tentava explicar a eles, com paciência, que um tronco de madeira não tinha nada de divino: que adorassem, isso sim, o Deus verdadeiro a quem ele servia, pois aquela árvore tinha de vir abaixo por estar consagrada a um falso espírito. Até que um dos aldeões, mais atrevido do que os outros, lhe lançou um desafio: “Se você tem tanta confiança assim nesse Deus que diz servir, vamos fazer um acordo: nós mesmos cortamos a árvore, mas você fica debaixo dela para apará-la na queda! Se o seu Senhor estiver mesmo com você, você escapa vivo!”

Sem pestanejar e cheio de confiança em Deus, Martinho aceitou o trato. Ao ouvirem aquilo, todos os pagãos concordaram na hora: para eles, valia muito a pena perder a sua árvore sagrada se, em troca, ela esmagasse na queda o homem que andava destruindo os seus santuários.

Como o pinheiro já crescia bastante inclinado para um dos lados, ninguém tinha a menor dúvida sobre o lugar exato onde ia cair. Os aldeões então amarraram Martinho e o puseram justamente no ponto que escolheram, bem debaixo da inclinação do tronco. Depois pegaram os machados e começaram eles mesmos a cortar o pinheiro, cheios de entusiasmo e satisfação. Em volta, juntou-se um mar de gente para assistir de longe, em suspense. Pouco a pouco, o enorme pinheiro começou a balançar e a estalar, prestes a vir abaixo. Ao longe, os monges que acompanhavam Martinho ficaram brancos como cal: apavorados diante do perigo iminente, perderam toda a esperança e até a fé, convencidos de que iam ver Martinho morrer ali esmagado.

Ele, porém, permaneceu completamente sereno, entregue nas mãos do Senhor. E quando o tronco estalou com um estrondo e finalmente começou a tombar na direção dele, prestes a esmagá-lo, Martinho levantou a mão e traçou no ar o sinal da cruz. Naquele exato instante —

como se uma rajada de vento furiosa o tivesse atingido de frente —, o pinheiro guinou para trás e caiu para o lado oposto, quase pegando embaixo dele os camponeses que tinham se colocado no lugar que achavam mais seguro!



Amarrado pelos aldeões pagãos no lugar exato onde o enorme pinheiro sagrado ia tombar, Martinho ergue a mão no sinal da cruz e faz a árvore cair para o lado contrário.

Logo se ergueu uma gritaria imensa: os pagãos não conseguiam acreditar no que tinham acabado de ver, os monges começaram a chorar de alegria e todo mundo aclamava a uma só voz o nome de Cristo. Naquele dia ficou evidente que a fé tinha conquistado aquela terra: em toda aquela multidão quase não houve um único pagão que não viesse pedir a Martinho que lhe impusesse as mãos para se tornar catecúmeno, deixando para trás as velhas crenças para seguir o Senhor Jesus. A verdade é que, antes de Martinho chegar lá, quase ninguém naquela região era cristão; mas o impacto dos seus milagres e do seu exemplo foi tão grande que hoje não há por ali nenhuma aldeia que não tenha igrejas cheias de gente ou mosteiros. É que, sempre que punha abaixo

um santuário pagão, Martinho fazia questão de construir logo, no mesmo lugar, uma igreja ou um pequeno mosteiro.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Por que os gauleses defendiam mais um pinheiro do que um templo de pedra?**
>
> Você reparou num detalhe curioso logo no início deste capítulo? A população da aldeia deixou demolir o templo de pedra sem reagir, mas, quando Martinho quis cortar o **pinheiro**, por pouco não o matou! Por quê?
>
> A explicação vem da antiga religião dos celtas (os gauleses): antes da chegada dos romanos, os celtas não rezavam dentro de edifícios fechados; para eles, a verdadeira morada dos deuses eram as árvores centenárias e os bosques sagrados (*nemora*). O templo de pedra não passava de uma moda trazida pelos romanos, mas aquele velho pinheiro era a alma religiosa da aldeia!
>
> Repare também na honestidade desarmante de Sulpício Severo, que não esconde o pânico dos próprios monges de Martinho, tremendo ao longe, depois de perderem "toda a esperança e até a fé". E repare na última frase do capítulo: esse hábito de Martinho de erguer uma capela ou um mosteiro exatamente no lugar dos antigos santuários e árvores sagradas esteve na origem da rede de paróquias rurais por toda a Europa!

CAPÍTULO XIV

O fogo que recuou contra o vento e os dois anjos armados em Levroux

Por essa mesma época, num caso parecido, Martinho protagonizou outro acontecimento impressionante. Numa aldeia onde tinha ateado fogo a um santuário pagão muito antigo e famoso, o vento começou a empurrar as labaredas diretamente para uma casa vizinha, que ficava encostada no templo. Assim que viu o perigo, Martinho subiu correndo no telhado da casa e se pôs bem na frente das chamas que avançavam. O que aconteceu em seguida deixou todo mundo de boca aberta: viu-se o

fogo se dobrar para trás, contra a própria direção do vento, como se as forças da natureza estivessem lutando umas contra as outras! Desse modo, graças à intervenção de Martinho, o incêndio consumiu apenas o que devia queimar e deixou a casa intacta.

Em outro lugar, chamado Levroux, Martinho também tentou demolir um grande templo, muito rico e cercado de enorme devoção pagã, mas juntou-se contra ele uma multidão furiosa, que o expulsou do local à força de insultos e pancadas. Martinho se recolheu então num lugar ali perto e passou três dias seguidos vestido com uma túnica áspera de penitência e coberto de cinzas, sem comer e sempre rezando, pedindo a Deus que, já que mãos humanas não tinham conseguido pôr abaixo aquele santuário, fosse o próprio poder divino a fazê-lo.

Ao fim desses três dias, apareceram-lhe de repente dois anjos de lança e escudo na mão, como soldados do exército celeste. Disseram que vinham enviados pelo Senhor para afugentar a multidão e protegê-lo enquanto o templo fosse demolido: ele podia voltar tranquilo à aldeia e terminar o que tinha começado, porque ninguém ia tocar nele.

Martinho voltou logo a Levroux e, diante dos olhos de toda aquela população pagã — que ficou parada olhando, completamente incapaz de reagir —, arrasou o santuário até os alicerces e reduziu a pedaços todos os altares e estátuas. Percebendo que só uma força divina podia tê-los deixado assim, paralisados e cheios de temor, sem conseguirem impedir o bispo, quase todos os moradores do lugar se converteram a Jesus Cristo, proclamando em voz alta que só o Deus de Martinho merecia ser adorado e que aqueles ídolos, que não sabiam defender nem a si mesmos, não valiam nada.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Salvar a casa do vizinho e o grande santuário de Levroux**
>
> A antiga povoação de *Leprosum* corresponde hoje à cidade de **Levroux**, no centro da França (região do Berry), onde as escavações arqueológicas confirmaram a existência de um grande centro religioso galo-romano.
>
> Vale a pena reparar em dois traços muito reveladores do modo de agir de Martinho:
>
> 1. **Combater o ídolo, proteger as pessoas:** No primeiro episódio, assim que vê o vento lançar as chamas do templo sobre o telhado de palha ou madeira da casa ao lado, Martinho arrisca a própria pele subindo no telhado em chamas para que o vizinho não ficasse sem casa.
>
> 2. **Penitência em vez de soldados:** Quando é expulso de Levroux a pancadas, Martinho não vai pedir soldados às autoridades romanas para impor a lei à força (como vários bispos do seu tempo já faziam). Prefere se retirar por três dias em jejum, vestido com o **cilício** (uma túnica áspera de pelo de cabra ou de camelo usada sobre a pele) e com cinzas na cabeça, exatamente como faziam os antigos profetas da Bíblia.

CAPÍTULO XV

O pescoço descoberto diante da espada na terra dos éduos

Quero contar também o que aconteceu na região dos éduos. Enquanto Martinho mandava pôr abaixo um templo local, um bando enfurecido de camponeses pagãos se atirou contra ele. Um deles, mais impulsivo do que os outros, puxou a espada e avançou na direção de Martinho para matá-lo. Sem recuar um passo, Martinho afastou o manto dos ombros e lhe ofereceu o pescoço descoberto. O homem nem hesitou em dar o golpe; mas, no exato momento em que levantou bem alto o braço para

descer a espada, perdeu o equilíbrio, caiu de costas no chão e, tomado por um pavor inexplicável, começou a pedir perdão.

Muito parecido com este foi outro caso: um homem tentou esfaqueá-lo com um facão enquanto ele quebrava umas estátuas pagãs, mas, no instante em que ia cravar a lâmina, o ferro saltou das suas mãos e desapareceu sem deixar rastro.

Na maioria das vezes, porém, quando as populações rurais tentavam impedi-lo de demolir os seus santuários, Martinho falava com elas com tanta bondade e convicção que lhes desarmava o coração — e, tendo ele aberto os seus olhos para a verdade, eram os próprios moradores que acabavam pondo abaixo os seus templos.

> **Contexto do Narrador: A terra dos éduos e a força da palavra**
>
> O território dos **éduos** (*pagus Aeduorum*) ficava na atual **Borgonha**, em torno da cidade de Autun (a antiga *Augustodunum*). Os éduos eram um dos povos gauleses mais antigos e orgulhosos, famosos desde o tempo de Júlio César e com raízes druídicas muito profundas.
>
> Repare bem na última frase deste capítulo, que muitas vezes passa despercebida: Sulpício faz questão de esclarecer que, apesar desses momentos tensos com espadas e facas de açougueiro (*culter*), *"na maioria das vezes"* (*plerumque*) Martinho não vencia a resistência das aldeias pela força, mas pela conversa paciente e pela pregação, até que os próprios moradores desmontassem os velhos altares.

CAPÍTULO XVI

A jovem paralítica curada em Tréveris com azeite abençoado

Quanto ao dom de curar os doentes, ele tinha em Martinho uma força tão extraordinária que quase ninguém ia lhe pedir ajuda sem sair de lá

curado na hora — como se vê bem pelo caso que vou contar a seguir.

Na cidade de Tréveris vivia uma jovem atingida por uma paralisia tão grave que fazia muito tempo que não mexia um único músculo do corpo: estava praticamente morta da cabeça aos pés, e mal se percebia que ainda respirava. A família inteira tinha se reunido em lágrimas em volta da cama, já só esperando o desfecho para cuidar do funeral, quando correu pela cidade a notícia de que Martinho acabava de chegar a Tréveris. Assim que ouviu falar disso, o pai da jovem saiu de casa correndo, quase sem fôlego, para ir lhe pedir socorro pela filha.

Àquela altura, Martinho já tinha entrado na igreja. Ali mesmo, diante de todo o povo e de muitos outros bispos, o velho pai se atirou ao chão, abraçou os joelhos dele e implorou, chorando convulsivamente: "A minha filha está morrendo de uma doença terrível e — pior ainda do que a própria morte — só lhe resta um fio de respiração num corpo que já parece morto! Peço-lhe por tudo que o senhor vá até a minha casa e lhe dê a sua bênção, porque tenho fé absoluta de que, pelas suas mãos, ela vai ficar boa!"

Atrapalhado com um pedido daqueles em público, Martinho tentou recuar, muito constrangido: dizia que aquilo ultrapassava por completo as suas forças, que o pobre homem estava enganado a seu respeito e que ele não tinha mérito nenhum para que Deus fizesse por meio dele um milagre daqueles. Mas o pai não o largava, chorando cada vez mais e insistindo para que fosse ver a filha antes que ela morresse. Por fim, até os outros bispos presentes insistiram com Martinho para que fosse, e ele acabou indo à casa da jovem. Do lado de fora, à porta, juntou-se uma multidão imensa para ver o que o homem de Deus ia fazer.

Primeiro, recorrendo às suas armas de costume nessas ocasiões, Martinho se ajoelhou até tocar o chão com a testa e ficou rezando. Depois, olhou para a jovem e pediu um pouco de azeite; abençoou-o e derramou na boca dela algumas gotas daquele líquido sagrado — e no

mesmo instante ela recuperou a fala. Em seguida, pouco a pouco, à medida que Martinho a tocava, os braços e as pernas foram ganhando vida outra vez, até que a jovem ficou de pé, com passo firme, diante de todo o povo.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Tréveris, a capital imperial, e a bênção do azeite**
>
> Aqui a história se passa em **Tréveris** (*Augusta Treverorum*, a atual cidade alemã de **Trier**). No século IV, Tréveris não era uma cidade qualquer: era a **capital do Império Romano do Ocidente**, onde morava o Imperador e funcionava a corte imperial. É por isso que vemos Martinho na igreja cercado de "muitos outros bispos", vindos de várias províncias para tratar de assuntos das suas dioceses junto ao palácio.
>
> Para quem estuda a história das tradições cristãs, este episódio é também um documento muito valioso: é um dos testemunhos mais antigos, no Ocidente, da bênção do azeite (*oleum*) por um bispo para curar doentes graves — um gesto inspirado na Carta de São Tiago (5,14) que está na origem do atual sacramento da Unção dos Enfermos.

CAPÍTULO XVII

O antigo procônsul Tetrádio e os dedos de Martinho na boca de um possesso

Por essa mesma época, um escravo de Tetrádio, antigo procônsul e figura de grande peso político, caiu num estado violento de possessão que o fazia sofrer horrores. Vieram pedir a Martinho que lhe impusesse as mãos para curá-lo, e ele disse que lhe trouxessem o rapaz. Só que ninguém conseguia tirá-lo do quarto onde estava trancado: ele se atirava com tanta fúria, tentando morder quem quer que abrisse a porta, que ninguém se atrevia a chegar perto.

Tetrádio foi então pessoalmente se atirar de joelhos aos pés de Martinho, suplicando que ele mesmo fosse à sua casa socorrer o rapaz. Martinho respondeu que não podia entrar na casa de um pagão — porque Tetrádio, naquela época, ainda seguia a religião tradicional romana. O antigo procônsul prometeu ali mesmo que, se o espírito maligno saísse daquele escravo, ele próprio se tornaria cristão. Martinho foi então até a casa, pôs a mão sobre a cabeça do jovem e o libertou imediatamente daquele tormento. Ao ver aquilo com os próprios olhos, Tetrádio cumpriu a palavra: acreditou no Senhor Jesus, inscreveu-se logo como catecúmeno, foi batizado pouco depois e guardou pela vida toda uma gratidão e uma estima imensas por Martinho, a quem via como o responsável pela sua salvação.

Naqueles mesmos dias e na mesma cidade, ao entrar na casa de outro senhor, Martinho parou de repente logo à porta e avisou que estava vendo um demônio medonho no pátio interno. Assim que ordenou que ele fosse embora dali, o espírito entrou no corpo de um criado que estava nos fundos da casa, na cozinha. O pobre homem perdeu completamente a cabeça e começou a gritar, a ranger os dentes e a morder com violência todo mundo que aparecia na sua frente. O caos se instalou na casa inteira: os outros criados entraram em pânico e todos fugiram para a rua.

Martinho avançou direto para o homem enfurecido e começou ordenando que ficasse quieto. Como o outro continuava rangendo os dentes e escancarava a boca, ameaçando arrancar-lhe um pedaço a dentadas, Martinho enfiou os próprios dedos na boca dele e o desafiou: “Se você tem tanto poder assim, morda!” Como se tivessem encostado um ferro em brasa na sua garganta, o possesso logo recolheu os maxilares o mais para trás que conseguia, para nem sequer roçar nos dedos de Martinho. E como os castigos divinos o obrigavam a abandonar aquele corpo, mas já não podia sair pela boca, o espírito

imundo acabou expelido numa descarga violenta dos intestinos, deixando no chão um rastro imundo.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Um alto senador romano e o realismo sem filtros da Antiguidade**
>
> Há dois detalhes muito curiosos neste capítulo:
>
> 1. **Tetrádio, um *vir proconsularis*:** Ter status "proconsular" significava pertencer ao topo do Senado romano e já ter governado uma grande província do Império. Ao se recusar, num primeiro momento, a entrar na casa de um pagão (lembrando o diálogo inicial de Jesus com a mulher cananeia ou com o centurião nos Evangelhos), Martinho leva aquele orgulhoso aristocrata a dar um passo pessoal de fé — e tudo isso para salvar um simples escravo da casa!
>
> 2. **O realismo cru do segundo exorcismo:** Quem lê este capítulo hoje muitas vezes se surpreende com o desfecho tão explícito do episódio! Para a mentalidade religiosa do século IV, como os dedos consagrados do bispo tinham estado dentro da boca do criado, o espírito maligno já não podia sair por uma passagem que tinha ficado abençoada — e por isso Sulpício conta, sem nenhum rodeio, que teve de sair "por baixo", por meio de uma forte crise intestinal (*fluxu ventris*).

CAPÍTULO XVIII

O boato falso da invasão bárbara, o beijo no leproso em Paris e os fios da túnica

Em outra ocasião, espalhou-se de repente pela cidade o boato de que os povos bárbaros estavam se movimentando para atacar, lançando toda a população em pânico. Martinho mandou então chamar à igreja um homem possesso e ordenou ao espírito que dissesse toda a verdade sobre aquela notícia. Ele acabou confessando que tinham sido dez demônios juntos que haviam posto aquele rumor para circular pelas

ruas, na esperança de que o susto levasse Martinho a fugir da cidade; quanto aos bárbaros, nem sequer lhes passava pela cabeça atacar. Depois dessa confissão feita em voz alta no meio da igreja, a cidade inteira respirou aliviada e recuperou o sossego.

Já em Paris, quando Martinho atravessava uma das portas da muralha cercado por uma multidão enorme, apareceu um leproso com o rosto completamente desfigurado pela doença. Enquanto todo mundo recuava cheio de repulsa, Martinho foi direto até ele, deu-lhe um beijo no rosto e o abençoou. O homem ficou curado naquele instante e, logo no dia seguinte, apareceu na igreja com a pele limpa e sadia, agradecendo a Deus pela saúde que tinha recuperado.



Na entrada das portas de Paris (Lutécia dos Parísios), enquanto a multidão se afasta cheia de horror, o bispo Martinho se aproxima de um leproso de rosto desfigurado e lhe dá um beijo com ternura.

Também não posso deixar de mencionar que até simples fios puxados da sua roupa ou da sua túnica de pelo de camelo curaram inúmeras vezes pessoas doentes: bastava amarrá-los em volta dos dedos ou trazê-los no pescoço para afastar as doenças de quem sofria.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Boatos de guerra no século IV e o beijo às portas de Paris**
>
> Este capítulo reúne dois episódios muito expressivos:
>
> 1. **Guerra de boatos na fronteira romana:** Na Gália do fim do século IV, sem comunicações rápidas, bastava correr a conversa de que tribos germânicas tinham atravessado o Reno para uma cidade inteira entrar em debandada. Martinho usa um interrogatório em plena igreja para desmascarar o boato falso e acalmar toda a população!
>
> 2. **"Apud Parisios" — O nascimento do nome de Paris:** Repare na expressão latina que Sulpício usa para situar a cena: *apud Parisios* ("na terra dos Parísios"). Estamos exatamente no momento histórico em que o antigo nome romano de *Lutécia* cai em desuso para dar lugar ao nome da tribo gaulesa local — **Paris**! A porta da muralha onde Martinho beijou o leproso ficava na entrada da *Île de la Cité*, bem perto de onde hoje se ergue a Catedral de Notre-Dame. Numa sociedade em que a lepra causava pavor e os leprosos eram enxotados a pedradas, ver um bispo abraçar e beijar no rosto um homem desfigurado ficou gravado para sempre na memória da cidade.

CAPÍTULO XIX

A carta que curou a filha de Arbório, os olhos de Paulino de Nola e a queda da escada

Arbório, antigo prefeito romano e homem de fé muito profunda e sincera, tinha em casa uma filha que definhava com crises terríveis de febre quartã. Aconteceu de ele receber, naqueles dias, uma carta escrita por Martinho; no exato momento em que a febre começou outra vez a subir na jovem, o pai colocou a carta sobre o peito dela e, naquele mesmo segundo, a febre baixou e nunca mais voltou. Arbório ficou tão impressionado com o que tinha visto que decidiu ali mesmo consagrar a filha a Deus, numa vida de castidade para sempre. Pôs-se então a caminho para encontrar Martinho, levou consigo a jovem — prova viva

de que ele a tinha curado mesmo à distância — e fez questão absoluta de que fosse o próprio Martinho, e mais ninguém, a lhe entregar o véu das virgens consagradas.

Já Paulino — um homem que mais tarde se tornaria um exemplo extraordinário de vida cristã para todo mundo — começou a sofrer de dores horríveis num olho, a ponto de se formar sobre a pupila uma névoa espessa que o estava deixando cego. Martinho passou suavemente no olho dele um pequeno pincel médico, tirou todas as dores num instante e lhe devolveu a visão perfeita como antes.

Quanto ao próprio Martinho, um dia teve o azar de cair de um andar de cima e rolar por uma escada quebrada e cheia de degraus tortos, ficando todo ferido e machucado da cabeça aos pés. Estava estendido na cela, quase às portas da morte, com dores insuportáveis, quando durante a noite lhe apareceu um anjo, que lavou as suas feridas e espalhou um bálsamo suave por todo o corpo maltratado. Na manhã seguinte, Martinho se levantou tão bem-disposto e recuperado que nem parecia ter sofrido queda nenhuma.

Mas, se eu fosse contar aqui todos os casos, um por um, não acabaríamos nunca; fiquemos com estes poucos exemplos escolhidos no meio de tantos outros. Eles bastam para mostrar a verdade sobre o que aconteceu de mais admirável, sem aborrecer quem nos lê com histórias demais.

> **Contexto do Narrador: Malária, problemas de visão e dois grandes nomes da aristocracia romana**
>
> Encontramos aqui duas personalidades históricas muito bem conhecidas por meio de outras fontes da época:
>
> 1. **Magno Arbório e a "febre quartã":** Arbório era um alto governante imperial (*vir praefectorius*, prefeito em Roma por volta de 379–380) e sobrinho do famoso poeta Ausônio, de Bordeaux. A "febre quartã" que tinha atacado a filha era uma variante grave de **malária** (*Plasmodium malariae*), caracterizada

por picos violentos de febre e calafrios que voltavam de três em três dias (a cada "quarto dia" na maneira romana de contar, que incluía o primeiro e o último dia).

2. **São Paulino de Nola (354–431):** O "Paulino" curado de uma lesão grave na vista (provavelmente uma úlcera na córnea ou catarata traumática, tocada com um *peniculus*, pequena esponja ou pincel usado pelos médicos antigos) é nada menos que **Pôncio Merópio Paulino**, riquíssimo senador natural de Bordeaux, governador da Campânia e o melhor amigo do nosso autor, Sulpício Severo! O próprio Paulino deixou um relato dessa cura nos seus textos; pouco depois, vendeu a sua imensa fortuna para dar aos pobres e foi viver em Nola, no sul da Itália, tornando-se um dos maiores poetas cristãos da Antiguidade.

CAPÍTULO XX

O banquete do imperador Magno Máximo: A taça passada ao padre antes do imperador

Passo agora a um episódio que pode parecer menor ao lado de milagres tão grandes — embora, nos tempos degradados e corruptos que vivemos hoje, ver um bispo não se dobrar à bajulação da corte imperial seja quase um milagre maior do que todos os outros! Quando muitíssimos bispos vindos de várias províncias se reuniram na corte do imperador Máximo — um homem duro e cheio de soberba depois de ter vencido a guerra civil —, dava pena ver a forma servil como todos faziam as vontades dele, rebaixando a dignidade de bispos ao papel de meros bajuladores do poder. Só Martinho manteve intacta a postura firme de um Apóstolo! Mesmo quando precisava pedir ao imperador clemência por alguém, falava com tanta autoridade que mais parecia dar uma ordem do que pedir um favor. E, por mais que Máximo o convidasse para jantar com ele à mesa imperial, Martinho sempre recusava, dizendo sem rodeios que não podia se sentar à mesa de um homem que

tinha afastado dois imperadores legítimos — tirando o trono de um e a própria vida do outro.

Máximo tentou se justificar de todas as maneiras: garantiu que não tinha tomado o poder por ambição pessoal, mas que tinha sido empurrado pelos soldados, por vontade de Deus, a governar e a se defender pelas armas; acrescentou que uma vitória tão rápida como a sua só podia ter a mão de Deus por trás, e que nenhum dos seus inimigos tinha sido morto fora do campo de batalha. Insistiu tanto, entre justificativas e pedidos, que Martinho acabou aceitando ir ao jantar — deixando o imperador radiante por finalmente tê-lo convencido.

O banquete parecia um grande dia de festa e reunia à mesa as maiores figuras do Império: estava lá Evódio, prefeito e cônsul ao mesmo tempo, um dos homens mais justos que já existiram; e estavam também dois condes com altíssimos poderes militares, que eram o irmão e o tio paterno do imperador. Entre estes dois últimos sentaram o padre que acompanhava Martinho; já o próprio Martinho ficou sentado num banquinho baixo colocado bem ao lado do lugar do imperador.

No meio do jantar, como mandava o protocolo da corte, o criado das bebidas trouxe uma taça de vinho ao imperador. Cheio de deferência, Máximo mandou que a levassem primeiro ao santo bispo, pois fazia muita questão de receber depois a taça diretamente das mãos de Martinho. Só que Martinho, depois de beber um gole, estendeu a taça ao padre que estava com ele! Entendia que ninguém naquela sala tinha maior dignidade para beber logo depois de um bispo, e que trairia a sua consciência se pusesse o próprio imperador ou os seus familiares à frente de um sacerdote.



No banquete imperial de Tréveris, sentado num pequeno banco ao lado do imperador Magno Máximo, Martinho bebe da taça real e a passa primeiro ao padre que o acompanhava, antes de entregá-la ao soberano, diante do espanto da corte.

Por incrível que pareça, tanto o imperador como todos os convidados ficaram tão impressionados com aquela liberdade de espírito que gostaram justamente do gesto que os tinha deixado em segundo plano! Em pouco tempo não se falava de outra coisa no palácio inteiro: à mesa do próprio imperador, Martinho tinha tido a coragem de fazer aquilo que nenhum outro bispo se atrevia a fazer nem mesmo em jantares de governadores de segundo escalão.

Mais tarde, e muito antes de a guerra estourar, Martinho avisou esse mesmo Máximo do que ia lhe acontecer se levasse adiante o plano de invadir a Itália para atacar o jovem imperador Valentiniano: venceria a primeira batalha, mas morreria pouco tempo depois. E foi exatamente o que nós mesmos vimos acontecer: assim que Máximo entrou na Itália, Valentiniano teve de fugir; mas, cerca de um ano depois, reorganizou o exército, cercou Máximo dentro das muralhas de Aquileia, prendeu-o e mandou executá-lo.

🎙️ Contexto do Narrador: Alta política romana e a quebra de protocolo em Tréveris

Ocorrida no palácio imperial de Tréveris por volta de **385 ou 386**, esta cena é um dos momentos mais célebres da relação entre o poder político e a Igreja na Antiguidade:

1. **Quem eram os "dois imperadores" de quem Martinho falou? Magno Máximo** era um general natural da Hispânia, proclamado imperador pelas tropas da Britânia em 383. Atravessou o Canal da Mancha, derrotou e mandou matar o jovem imperador legítimo **Graciano** (*de quem tirou a vida*) e pôs sob pressão o meio-irmão deste, o adolescente **Valentiniano II** (*de quem tirou parte do Império*). Todas as figuras sentadas à mesa são históricas: **Flávio Evódio** foi Prefeito do Pretório da Gália e Cônsul romano no ano de 386.

2. **O escândalo da taça (*patera*):** Nas regras rígidas da corte imperial, beber primeiro da taça do Imperador e devolvê-la em mãos a ele era a maior distinção que um convidado podia receber. Ao passar a taça ao seu simples padre (*presbyter*), passando por cima do Imperador, do Cônsul e dos Condes imperiais, Martinho afirmou, sem dizer uma palavra, que as coisas do espírito não se curvam diante do poder militar ou político.

3. **O que Martinho tinha ido fazer na corte de Máximo?** Por outro livro de Sulpício Severo (a *Crônica*), sabemos que Martinho tinha ido a Tréveris para tentar salvar da morte o bispo hispânico Prisciliano e os seus discípulos, acusados de heresia por outros bispos intrigantes — lutando até o limite para impedir que o Estado executasse pessoas por questões religiosas.

CAPÍTULO XXI

Conversas com os anjos e o Diabo com o chifre de boi cheio de sangue

Sabe-se também com certeza que Martinho via anjos com frequência, chegando até a conversar diretamente com eles. Quanto ao Diabo, ele o via com tanta clareza à sua frente que este nunca conseguia passar

despercebido, quer aparecesse tal como era, quer assumisse os mais variados disfarces para fazer o mal. Percebendo que não havia truque capaz de enganar Martinho, o Diabo se vingava aparecendo a torto e a direito só para insultá-lo, já que não conseguia lhe armar ciladas.

Um dia, irrompeu na cela de Martinho soltando um urro medonho, trazendo na mão direita, toda suja de sangue, um chifre de boi ensanguentado. Todo contente com a desgraça que tinha acabado de provocar, gritou: "Onde está agora o seu poder, Martinho? Acabei de matar um dos seus!"

Martinho chamou imediatamente os monges, contou o que o Diabo tinha acabado de dizer e mandou que percorressem todas as celas, uma a uma, para ver quem faltava ou a quem tinha acontecido alguma desgraça. Voltaram pouco depois dizendo que os monges estavam todos bem, mas que um camponês contratado por dia para trazer lenha numa carroça tinha ido de manhã para a mata. Martinho pediu logo a alguns irmãos que fossem procurá-lo a toda a pressa. Não muito longe do mosteiro, encontraram o pobre homem estendido no chão, já quase morto. Com o pouco fôlego que ainda lhe restava, explicou aos monges o que tinha acontecido: quando estava apertando melhor as correias de couro que tinham afrouxado na junta de bois, um dos animais sacudiu a cabeça com força e cravou um chifre na sua virilha. Poucos instantes depois, ele morreu.

Cabe a cada leitor refletir sobre as razões pelas quais Deus permitiu que o Diabo tivesse parte numa desgraça dessas. O que espantava em Martinho era a clareza com que, tanto neste caso como em muitos outros parecidos, ele sabia das coisas muito antes de acontecerem ou recebia logo um aviso interior para contar aos irmãos o que estava acontecendo à distância.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O diarista da lenha e a franqueza de Sulpício diante da tragédia**
>
> Há dois detalhes humanos muito bonitos neste capítulo:
>
> 1. **"Um dos seus":** Como os monges de Marmoutier viviam recolhidos em oração (e os mais novos passavam os dias copiando livros), o mosteiro contratava trabalhadores rurais da região (*mercede conducti*, pagos por dia de trabalho) para buscar lenha no bosque em carros de boi. Mesmo não sendo monge, aquele humilde trabalhador fazia parte da família espiritual de Martinho.
>
> 2. **Sem respostas fáceis para o sofrimento:** Diante da morte trágica daquele homem num acidente de trabalho, Sulpício Severo não tenta inventar uma lição moralista nem culpar a vítima. Tem a honestidade de deixar a pergunta em aberto: *"Cabe a cada leitor refletir sobre as razões pelas quais Deus permitiu que o Diabo tivesse parte numa desgraça dessas"* (*Viderit is, quo judicio Domini...*).

CAPÍTULO XXII

Os disfarces de Júpiter, Mercúrio e Vênus — e a promessa de perdão ao próprio Diabo

Muitas outras vezes, tentando pegar o santo em falta com mil artimanhas, o Diabo aparecia diante dos seus olhos sob as aparências mais diversas: ora tomava a figura de Júpiter, com muito mais frequência a de Mercúrio, e não era raro surgir também com as feições de Vênus ou de Minerva. Sem nunca perder a serenidade, Martinho sempre se defendia com o sinal da cruz e com a oração.

Também se ouviam com frequência bandos de demônios insultando-o aos gritos, de forma insolente; mas, como sabia que tudo aquilo não passava de mentiras sem pé nem cabeça, Martinho nem dava atenção às acusações. Alguns monges contavam até ter ouvido certa vez um

demônio interpelar Martinho em tom arrogante, perguntando por que ele tinha aceitado no mosteiro alguns irmãos que, no passado, tinham manchado a graça do batismo com graves erros e pecados antes de se arrependerem — e se punha a enumerar, um por um, os pecados antigos de cada um deles.

Esses monges diziam que Martinho lhe respondeu com toda a firmeza que os erros do passado são apagados quando alguém muda sinceramente de vida e que, pela misericórdia de Deus, quem deixa de pecar tem direito ao perdão. Quando o Diabo rebateu que os grandes pecadores não merecem clemência e que Deus não volta a perdoar quem cai depois do batismo, conta-se que Martinho lhe deu esta resposta extraordinária:

“Se você mesmo, infeliz, deixasse de perseguir a humanidade e se arrependesse do mal que fez, mesmo agora que o dia do Juízo Final já está tão perto, eu tenho tanta confiança no Senhor Jesus Cristo que prometeria a você o perdão de Deus!”

Que admirável ousadia de confiança na bondade de Deus! Mesmo sem ter autoridade para garantir uma promessa dessas, Martinho mostrou nessas palavras a imensidão do seu coração. E, já que estamos falando do Diabo e das suas ciladas, vale a pena contar aqui um episódio ocorrido ali bem perto: mesmo não tendo acontecido diretamente com Martinho, ele revela bem a sua força espiritual e merece ficar registrado, para que todo mundo fique de sobreaviso se algum dia aparecer um caso parecido.

> **Contexto do Narrador: Os velhos deuses romanos e a frase mais ousada de São Martinho**
>
> Este capítulo guarda dois momentos marcantes da espiritualidade do século IV:

1. **Júpiter, Mercúrio, Vênus e Minerva:** Para os cristãos da Antiguidade, os deuses do panteão romano não eram apenas figuras poéticas da mitologia; eram vistos como forças espirituais enganadoras que usavam aquelas máscaras para tentar as pessoas — Júpiter pela ambição do poder, Mercúrio pela esperteza e pelo dinheiro, Vênus pela sedução e Minerva pela vaidade intelectual.

2. **Prometer o perdão ao próprio Satanás:** Na época de Martinho, existiam setores muito rígidos dentro da Igreja que defendiam que quem cometesse um pecado grave depois de ser batizado nunca mais podia ser perdoado. Martinho não só acolhe de braços abertos no mosteiro homens com um passado difícil, como chega ao ponto de dizer ao próprio Diabo que até ele seria perdoado por Cristo se se arrependesse! Era uma afirmação tão ousada da misericórdia infinita de Deus (próxima do pensamento do teólogo Orígenes) que Sulpício Severo sente a necessidade de deixar logo uma ressalva prudente para os leitores mais ortodoxos: *"Mesmo sem ter autoridade para garantir uma promessa dessas, Martinho mostrou nessas palavras a imensidão do seu coração."*

CAPÍTULO XXIII

A história de Claro, o falso profeta Anatólio e a túnica que se desfez no ar

Havia um jovem de família muito ilustre chamado Claro — que mais tarde foi ordenado padre e hoje descansa na paz de Deus depois de uma morte santa — que tinha deixado tudo para trás para ir viver perto de Martinho, alcançando rapidamente uma fé profunda e uma vida exemplar. Claro tinha erguido um pequeno eremitério perto do mosteiro do bispo, onde vários monges já viviam com ele. Um dia, bateu à porta deles um rapaz chamado Anatólio: dizia ser monge, fazia-se passar pela pessoa mais humilde e inocente do mundo e acabou ficando lá, vivendo em comunidade com os outros.

Depois de algum tempo, começou a contar aos companheiros que recebia visitas frequentes de anjos que vinham conversar com ele. Como ninguém acreditava naquilo, deu um jeito de impressionar vários monges com alguns fenômenos estranhos. Pouco depois já garantia abertamente que os anjos viviam num vaivém constante, levando recados entre ele e Deus, e exigia ser tratado como um verdadeiro profeta. Claro, no entanto, nunca se deixou enganar. Furioso por não conseguir convencê-lo, Anatólio começou a ameaçá-lo com a ira de Deus e com castigos iminentes por duvidar da palavra de um santo.

Por fim, um dia ele veio com este anúncio solene: “Fiquem sabendo que esta noite o Senhor vai me mandar do Céu uma túnica branca! Amanhã vou andar vestido com ela no meio de vocês, e aí vocês terão a prova de que trago em mim o poder de Deus, vestido com uma roupa vinda das mãos do próprio Deus!”

Nem é preciso dizer que toda a comunidade ficou em alvoroço, esperando o que ia acontecer. Pois bem: por volta da meia-noite, o mosteiro inteiro pareceu tremer até os alicerces, como se houvesse gente pulando com força no chão. Da cela de Anatólio saíam clarões seguidos de luz intensa, acompanhados pelo barulho de passos apressados de um lado para o outro e por um murmúrio confuso de muitas vozes. De repente, fez-se silêncio; Anatólio abriu a porta, chamou do lado de fora um dos monges, de nome Sabácio, e lhe mostrou a túnica que estava vestindo.

De boca aberta, Sabácio correu para acordar os demais. O próprio Claro veio logo ver o que estava acontecendo, trouxeram uma lamparina acesa e todos se puseram a examinar a roupa em detalhes. O tecido era de uma maciez extraordinária, branquíssimo e debruado com faixas de púrpura brilhante — mas, por mais que olhassem, ninguém conseguia descobrir de que fibra ou de que lã era feito. Mesmo assim, tanto para os

olhos como para o toque dos dedos, parecia sem sombra de dúvida uma túnica de verdade.

Prudente, Claro pediu aos irmãos que passassem o resto da noite rezando para que Deus lhes mostrasse com clareza o que estava por trás daquilo; e assim ficaram até de madrugada, cantando hinos e salmos. Assim que o sol nasceu, Claro pegou Anatólio pela mão direita, decidido a levá-lo à presença de Martinho, bem certo de que nenhuma artimanha do Diabo conseguiria enganar os olhos do bispo. Nesse instante, o infeliz entrou em pânico: começou a fincar os pés e a gritar que tinha ordens expressas do Céu para não aparecer diante de Martinho! E, quando os outros monges o agarraram para levá-lo à força, a túnica se desfez no ar num piscar de olhos, bem entre as mãos de quem o segurava.

Quem poderá duvidar de que também aqui se viu a força espiritual de Martinho, a ponto de o Diabo nem sequer conseguir manter de pé a sua farsa quando percebeu que ia ter de enfrentar o olhar do bispo?

> **Contexto do Narrador: Vaidade escondida e a túnica dos senadores romanos**
>
> **Claro** (*Clarus*) foi um dos discípulos mais queridos de Martinho (morreria poucos dias antes do mestre, em novembro de 397, e Sulpício o recordou com enorme emoção nas suas cartas). Repare num detalhe revelador da túnica "celeste" de Anatólio: era *"branquíssima e debruada com faixas de púrpura brilhante"* (*candore eximio, micanti purpura*). Na sociedade romana, a túnica branca com listras de púrpura (*tunica laticlavia*) era o traje exclusivo dos senadores e altos magistrados!
>
> Ou seja, mesmo fechado num mosteiro pobre, o desejo reprimido de importância de Anatólio se traía ao imaginar que Deus o vestia como um senador romano. E repare como tudo se esclarece em Marmoutier: nem os olhos nem as mãos dos monges, à luz da lamparina, conseguiram flagrar a ilusão, mas bastou a perspectiva de encarar o olhar calmo e lúcido de Martinho para toda a encenação desmoronar!

CAPÍTULO XXIV

Os falsos Cristos na Hispânia e o Diabo vestido de Imperador: “Não reconhecerei Cristo sem as marcas da Cruz”

Aliás, notou-se que, por aqueles mesmos anos, apareceu na Hispânia um jovem que, depois de ganhar fama entre o povo com vários prodígios, ficou tão cheio de vaidade que começou dizendo que era o profeta Elias. Como muita gente acreditou nele sem fazer perguntas, deu mais um passo e passou a declarar que era o próprio Cristo — enganando tanta gente que até um bispo chamado Rufo se ajoelhou para adorá-lo como se fosse o Senhor, escândalo que mais tarde lhe custou o cargo de bispo. Vários irmãos também nos contaram que, exatamente na mesma época, tinha surgido no Oriente outro homem afirmando que era São João. Ao ver aparecer falsos profetas desse tipo por toda parte, entende-se bem que não deve faltar muito para a chegada do Anticristo, que já vai preparando o terreno por meio dessas figuras.

Mas não posso deixar de contar aqui com que sutileza o Diabo tentou enganar o próprio Martinho naquela mesma época. Um dia, enquanto Martinho rezava sozinho na sua cela, apareceu-lhe de pé uma figura banhada e cercada por um clarão de luz purpúrea — tudo pensado nos mínimos detalhes para ofuscar, com aquele brilho falso, quem olhasse. Vestia um manto imperial, trazia na cabeça uma coroa de ouro cravejada de pedras preciosas, nos pés sapatos revestidos de ouro, e apresentava um ar tão sereno e um sorriso tão luminoso que parecia tudo, menos o Diabo.

Ao dar de cara com aquela aparição deslumbrante, Martinho ficou sem reação no primeiro instante, e por um bom tempo ninguém disse uma palavra. Foi o Diabo quem acabou quebrando o silêncio: “Reconheça,

Martinho, quem está aqui na sua frente! Eu sou Cristo: como estou prestes a descer à terra, quis aparecer a você em primeiro lugar."

Martinho continuou calado, sem lhe responder nada. O Diabo então voltou à carga, ainda mais atrevido: "Martinho, por que você hesita em acreditar, se está me vendo com os próprios olhos? Eu sou Cristo!"

Nesse momento, iluminado interiormente pelo Espírito Santo para entender que tinha diante de si o Diabo e não o Senhor, Martinho respondeu: "O Senhor Jesus nunca disse que voltaria vestido de púrpura e com uma coroa real na cabeça. Eu nunca vou acreditar que Cristo veio se não O vir com a aparência e as feições com que sofreu na paixão, trazendo no corpo as marcas da Cruz!"



Na penumbra da sua cela, diante do Diabo envolto em luz purpúrea, com manto real, sapatos dourados e coroa de pedras preciosas, Martinho responde: "Eu nunca vou acreditar que Cristo veio se não O vir com a aparência com que sofreu na paixão, trazendo no corpo as marcas da Cruz!"

Assim que ouviu essas palavras, a figura se desfez num segundo, como fumaça, deixando a cela impregnada de um cheiro tão nauseabundo que

não restou a menor dúvida de que era mesmo o Diabo. E, para que ninguém pense que isto é uma lenda inventada, digo desde já que ouvi esta história, exatamente como acabo de contá-la, da própria boca de Martinho.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O ponto mais alto do livro — Contra um Cristo vestido de Imperador**
>
> Para muitos historiadores e pensadores, este Capítulo XXIV — contado diretamente por Martinho a Sulpício Severo — é a página mais profunda e atual de toda a biografia.
>
> Repare primeiro na menção à **Hispânia** (a atual Península Ibérica): no final do século IV, vivia-se um clima intenso de fim do mundo nas províncias ibéricas, a ponto de um bispo local chamado Rufo ter se deixado levar por um charlatão que dizia ser Cristo.
>
> Mas repare, acima de tudo, **na roupa que o Diabo escolhe para se fazer passar por Jesus**: manto de púrpura (*vestis regia*), diadema de ouro e pedras preciosas (*diadema*) e calçado coberto de ouro (*calcei auro illiti*). Peça por peça, era o traje de gala dos Imperadores Romanos do século IV! À medida que o Império se tornava oficialmente cristão, muitos bispos acostumados aos palácios começavam a imaginar Cristo como um Monarca Imperial cheio de ouro e triunfo terreno. A resposta de Martinho atravessa os séculos como um relâmpago: um Cristo cheio de luxo e poder, desligado dos que sofrem e sem as feridas da Cruz, é uma falsificação. Para Martinho, o verdadeiro rosto de Cristo continua sendo o daquele homem pobre e tremendo de frio a quem deu metade da capa às portas de Amiens.

CAPÍTULO XXV

A visita do Autor a São Martinho: O bispo que lavou os pés do seu biógrafo

De fato, fazia muito tempo que eu ouvia falar da fé, do modo de viver e da força interior de Martinho, e trazia dentro de mim uma vontade

imensa de conhecê-lo pessoalmente; por isso, peguei a estrada com enorme alegria, numa viagem feita especialmente para visitá-lo. E, como já alimentava o desejo de escrever a sua biografia, aproveitei para lhe perguntar diretamente uma parte das coisas — até onde a modéstia dele me deixava perguntar — e colhi o resto com quem tinha presenciado os episódios ou sabia deles em primeira mão.

Nem dá para acreditar na humildade e no carinho com que ele me recebeu naquela ocasião! Ficou sinceramente comovido e cheio de alegria no Senhor ao ver que tínhamos por ele tanta estima que tínhamos pegado a estrada de propósito só para vê-lo. Pobre pecador que sou — quase tenho vergonha de contar! —: depois de nos dar a honra de nos convidar para comer à sua mesa, foi ele mesmo quem derramou água nas minhas mãos antes da refeição; e, ao cair da tarde, ele próprio se ajoelhou para lavar os nossos pés! Nem tive coragem de recusar ou de impedi-lo: havia nele uma autoridade moral tão grande que desobedecer me pareceu quase uma falta grave.



No fim da tarde em Marmoutier, o idoso bispo Martinho se ajoelha no chão de pedra para lavar com as próprias mãos os pés, cansados da viagem, do seu biógrafo e amigo, Sulpício Severo.

Em todas as conversas que teve conosco, ele só nos falava de uma coisa: de como era preciso largar as ilusões do mundo e os pesos desta vida para seguirmos o Senhor Jesus de mãos livres e coração leve. E nos apontava repetidas vezes, como o melhor exemplo vivo dos nossos dias, o grande Paulino — de quem falei há pouco —, que tinha vendido propriedades sem fim para seguir a Cristo e tinha sido quase o único homem da nossa geração a cumprir à risca tudo o que o Evangelho pede. Era para ele que devíamos olhar, insistia Martinho, era o caminho dele que devíamos seguir! Dizia que o nosso tempo tinha a enorme sorte de contar com uma prova viva de tamanha fé e coragem: ao vender tudo para dar aos pobres, como Jesus tinha pedido, um homem riquíssimo como Paulino tinha mostrado na prática que era possível fazer aquilo que todo mundo achava impossível.

E que firmeza, que nobreza havia nas palavras e na conversa de Martinho! Que lucidez impressionante, que rapidez e que clareza ele

tinha para explicar as passagens mais difíceis da Bíblia! Como sei que há muita gente cética quanto a isso — eu mesmo vi pessoas torcerem o nariz até quando era eu quem lhes contava —, juro diante de Jesus e da fé que partilhamos que nunca na minha vida ouvi da boca de ninguém tanta sabedoria, tanta inteligência nem um falar tão claro e tão limpo. É verdade que, ao lado da grandeza moral de Martinho, elogiar a maneira como ele falava até parece pouca coisa; mas não deixa de ser espantoso que a um homem que nunca frequentou grandes escolas não faltasse nem mesmo esse dom.

> **Contexto do Narrador: Quando a visita muda a vida de quem escreve**
>
> Neste capítulo, o próprio **Sulpício Severo** entra na história em primeira pessoa! Entre **394 e 396 d.C.**, Sulpício — na época um jovem viúvo de uma família muito rica da Aquitânia, formado em Direito e Oratória em Bordeaux — viajou até Tours para conhecer o velho bispo Martinho (que já teria cerca de 60 ou 80 anos).
>
> Para um aristocrata romano, chegar de viagem e ver o dono da casa — ainda por cima um bispo venerado — se ajoelhar no chão para tirar o pó das suas sandálias e lavar os seus pés (serviço reservado aos escravos mais humildes!) foi um abalo interior que mudou a sua vida para sempre: de volta para casa, Sulpício também deixou a carreira pública para fundar uma comunidade religiosa nas suas terras de Primuliacum.
>
> Repare também na defesa apaixonada que Sulpício faz da inteligência de Martinho: os bispos elitistas da Gália o olhavam de cima por ser um *homo illiteratus* — um "homem sem letras", ou seja, um ex-militar criado nos quartéis que não tinha estudado retórica clássica nas grandes escolas romanas. Sulpício, que era um dos escritores mais brilhantes do seu tempo, faz questão de jurar aos leitores que nunca tinha ouvido ninguém se expressar com tanta clareza, pureza de linguagem e profundidade como aquele velho soldado!

CAPÍTULO XXVI

O retrato interior: A bigorna do ferreiro e a paciência com os seus próprios padres

Este livro está chegando ao fim e é hora de concluir — não por não haver mais nada a contar sobre Martinho, mas porque eu mesmo, como aqueles maus poetas que perdem o fôlego na reta final da obra, me sinto esmagado pela grandeza do tema.

É que, se os episódios visíveis da sua vida ainda podem, bem ou mal, ser postos em palavras, já a sua vida interior, o seu dia a dia silencioso e aquele coração permanentemente ligado a Deus, digo com toda a franqueza: não há palavras humanas que bastem para descrevê-los. Aquela constância tranquila e equilibrada nos jejuns, aquela resistência nas noites passadas em claro rezando como se fosse dia, sem desperdiçar um único minuto longe do serviço de Deus, sem nunca cair na preguiça nem se perder em assuntos mundanos, comendo e dormindo apenas o mínimo indispensável para o corpo se manter de pé — confesso sem exagero que nem o próprio Homero, se voltasse, como se costuma dizer, do mundo dos mortos, conseguiria retratar tudo isso como merece, de tal maneira a vida de Martinho ultrapassa o que cabe num livro.

Não passava uma única hora nem um breve instante sem estar rezando ou mergulhado na leitura; aliás, mesmo quando lia ou tinha qualquer outra tarefa nas mãos, nunca desligava o coração da oração. Lembrava o gesto habitual dos ferreiros que, enquanto moldam o ferro em brasa, dão de vez em quando uma batida leve na bigorna vazia para descansar o braço sem perder o ritmo: também Martinho, mesmo quando parecia ocupado cuidando de outros assuntos, continuava sempre rezando por dentro.

Que homem extraordinário e luminoso, incapaz de fingimento ou de maldade! Nunca condenava ninguém, nunca pagava na mesma moeda a quem lhe fazia mal. Tinha adquirido uma paciência tão grande diante das ofensas que, apesar de ser o bispo da diocese, até os clérigos de escalão mais baixo muitas vezes lhe faltavam com o respeito sem que nada lhes acontecesse: nunca, por causa disso, afastou nenhum deles do seu posto nem deixou de tratá-los com todo o carinho.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O compasso da bigorna e os insultos dentro da própria igreja**
>
> Este capítulo nos deixa uma das imagens mais bonitas da literatura antiga: a **bigorna do ferreiro** (*incus fabrorum*). Nas forjas antigas (e ainda nas oficinas tradicionais até bem pouco tempo atrás!), enquanto o ferreiro virava a peça de ferro na forja com a tenaz, deixava o martelo dar um toque solto e ritmado diretamente no ferro da bigorna para não quebrar a cadência do braço. Para Sulpício, rezar não era, em Martinho, uma tarefa à parte: era a batida constante do coração no meio da vida inteira.
>
> E quem eram esses "clérigos de escalão mais baixo" (*infimi clerici*) que ofendiam Martinho dentro da própria diocese de Tours sem que ele os castigasse? O caso mais célebre (contado mais tarde por Sulpício nos seus *Diálogos*) era o de um jovem padre chamado **Brício** (*Brice*), que zombava em voz alta das visões e da roupa pobre de Martinho. Quando os monges, indignados, pediram ao bispo que o pusesse na rua, Martinho respondeu apenas: *"Se Cristo suportou Judas, por que eu não haveria de suportar Brício?"* — e acrescentou que um dia Brício se arrependeria e viria a sucedê-lo como bispo de Tours, o que de fato aconteceu já em 397!

CAPÍTULO XXVII

Conclusão: Um rosto luminoso e a resposta aos bispos invejosos

Ninguém nunca viu Martinho perder as estribeiras, ninguém nunca o viu descontrolado, abatido pela tristeza ou se desmanchando em gargalhadas: era sempre o mesmo homem sereno, com uma alegria tão luminosa estampada no rosto que parecia já viver além da condição humana. Nos seus lábios só havia o nome de Cristo; no seu coração não cabia outra coisa que não fosse bondade, paz e compaixão. Muitas vezes chegava até a chorar pelos pecados daqueles que falavam cobras e lagartos dele pelas costas e que, enquanto ele vivia quieto no seu canto sem fazer mal a ninguém, o mordiam com línguas venenosas de víbora.

A verdade é que nós mesmos chegamos a conhecer alguns desses homens cheios de inveja da vida e da integridade dele — gente que detestava ver em Martinho as qualidades que não tinha em si nem tinha coragem de imitar. E o mais triste e vergonhoso — até custa escrever! — é que esses poucos perseguidores eram quase todos bispos! Mas não vale a pena dizer aqui os nomes deles, por mais que andem por aí latindo à nossa volta: basta que, se algum deles ler estas páginas e vir que a carapuça lhe serve, fique cheio de vergonha; porque, se começar a gritar e ficar furioso, estará confessando sozinho que era dele que estávamos falando — quando talvez até tivéssemos outros em mente!

De resto, se houver gente dessa laia que passe a odiar também a nós por defendermos um homem como Martinho, aceitamos essa hostilidade como uma honra. Tenho certeza absoluta de que este pequeno livro vai dar alegria a todas as pessoas de bem e de fé sincera. Quanto aos outros, se alguém ler estas páginas com má vontade e descrença, que se entenda com a própria consciência. Da minha parte, fico com a consciência bem tranquila: escrevi este livro movido apenas pela certeza do que apurei e

pelo amor a Cristo, contei fatos bem comprovados e disse a verdade. E espero mesmo que Deus tenha guardada uma recompensa não apenas para quem ler esta história, mas sobretudo para quem se deixar tocar por ela e acreditar.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Um livro escrito para defender um homem que ainda estava vivo**
>
> Chegamos à última linha da obra de Sulpício Severo — e há aqui um fato extraordinário: quando Sulpício pousa a pena no fim deste Capítulo XXVII, nos primeiros meses do ano **397**, **São Martinho ainda estava vivo!**
>
> É por isso que estes capítulos finais falam dele no presente: o livro nasceu como uma defesa apaixonada de Martinho contra os bispos mundanos da Gália que o desprezavam nos corredores do poder. Repare na ironia fina da estocada final — digna de um grande advogado de tribunal: Sulpício não escreve o nome de nenhum bispo invejoso para que, se algum deles protestar em público ao ler o livro, acabe vestindo a carapuça na frente de todo mundo!

EPÍLOGO DO NARRADOR

O que aconteceu depois: A morte de São Martinho e a origem do 11 de Novembro

Por que o livro de Sulpício Severo termina sem contar a morte de São Martinho? Pela razão mais simples de todas: quando o manuscrito ficou pronto e seguiu para a casa de Desidério, na primavera ou no verão de 397, Martinho ainda andava a pé pelas estradas da Gália.

O fim da sua caminhada, porém, estava logo ali, virando a esquina — e foi o próprio Sulpício Severo quem o contou pouco tempo depois, em três cartas inesquecíveis (as *Cartas a Eusébio, ao diácono Aurélio e à sua sogra Bássula*).

No fim de outubro ou nos primeiros dias de novembro daquele mesmo ano de **397**, já muito desgastado pelos anos, Martinho soube que os padres da paróquia de **Candes** (hoje *Candes-Saint-Martin*, onde o rio Vienne deságua no Loire) estavam brigados uns com os outros. Fiel ao seu princípio de nunca deixar um conflito sem solução, pôs-se logo a caminho para fazer as pazes entre eles.

Depois de conseguir reconciliar o clero de Candes, quando já se preparava para voltar ao seu querido mosteiro de Marmoutier, sentiu de repente as forças lhe faltarem, derrubado por uma febre muito forte. Os discípulos cercaram o seu leito banhados em lágrimas: *"Pai, por que o senhor vai nos deixar? A quem nos entrega, órfãos como ficamos? Lobos ferozes vão cair sobre o seu rebanho!"* Dividido entre a vontade de partir finalmente para Deus e a pena de deixar os seus monges desamparados, Martinho disse então uma das frases mais famosas da sua vida: **"Senhor, se o teu povo ainda precisa de mim, não recuso o trabalho (*non recuso laborem*); seja feita a tua vontade."**

Nos últimos dias de febre, nem sequer permitiu que pusessem um simples colchão de palha debaixo do seu corpo: fez questão de morrer estendido de costas no chão, sobre uma camada de **cinzas e uma túnica áspera de penitência**, dizendo aos discípulos: *"Um cristão não deve morrer de outra maneira senão sobre as cinzas."* Quando os padres quiseram virá-lo um pouco de lado para aliviar as dores do corpo, ele pediu: *"Deixem-me, irmãos, deixem-me ficar olhando mais para o céu do que para a terra, para que o meu espírito já vá se acostumando ao caminho que vai percorrer até o Senhor."* Já nos instantes finais, sentindo a presença do Diabo parado ao seu lado, enfrentou-o pela última vez: *"O que você está fazendo aqui, fera cruel? Não vai encontrar em mim nada que seja seu, maldito: vou ser acolhido nos braços de Abraão!"* E assim partiu em paz, no dia **8 de novembro de 397**.

O corpo foi levado de barco, rio Loire acima, até a cidade de **Tours**, acompanhado por uma multidão nunca vista — Sulpício conta que só os monges eram perto de dois mil, além de inúmeras mulheres consagradas e das populações inteiras das vilas e aldeias, que caminhavam pelas margens cantando salmos à passagem da barca.



Manhã de novembro de 397 no rio Loire: a barca que leva o corpo de São Martinho de Candes até Tours é acompanhada, nas duas margens, por milhares de monges e gente do povo com tochas na mão, sob a luz dourada do "verão de São Martinho".

O enterro solene em Tours aconteceu três dias depois, em **11 de novembro de 397**. Foi exatamente essa data — o dia em que o corpo de Martinho desceu à terra às portas do inverno europeu, na época em que terminavam os trabalhos do campo, se provava o vinho novo nas adegas e se assavam as castanhas da estação — que ficou gravada para sempre na memória de toda a Europa como o **Dia de São Martinho**.

Sobre esta edição digital ilustrada

Esta edição em português brasileiro contemporâneo apresenta, na íntegra e de forma fluente e acessível, a obra latina original de **Sulpício Severo**, *De vita beati Martini* (*Patrologia Latina*, vol. 20, ed. J. P. Migne, 1845 / Wikisource).

Além da versão contemporânea de todos os 27 capítulos e da Carta Dedicatória a Desidério, o livro inclui 14 ilustrações (um mapa histórico e 13 pinturas históricas) e as notas do Narrador sobre o contexto histórico, social, geográfico e espiritual do final do século IV.

Esta edição brasileira foi adaptada a partir da edição portuguesa contemporânea, *A Vida de São Martinho*, e é publicada sob a mesma licença.

Licença do texto-fonte do Wikisource: Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada / GNU FDL.